


Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP
Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

BRUNA FARIA CAMPOS DE FREITAS

**ESTUDO DA MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS ORAIS
DECRESCENTES NA FALA UBERABENSE**



ARARAQUARA – S.P.
2017

BRUNA FARIA CAMPOS DE FREITAS

**ESTUDO DA MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS ORAIS
DECRESCENTES NA FALA UBERABENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2017

Freitas, Bruna Faria Campos de
Estudo da monotongação dos ditongos orais
decrecentes na fala Uberabense / Bruna Faria Campos
de Freitas - 2017
76 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Dr. Daniel Soares da Costa

1. Sociolinguística. 2. Língua Falada. 3. Ditongo. 4.
Monotongo. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BRUNA FARIA CAMPOS DE FREITAS

**ESTUDO DA MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS ORAIS
DECRESCENTES NA FALA UBERABENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 31/07/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares da Costa
UNESP/FCL – Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
UNESP/FCL – Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Máira Sueco Maegava Córdula
UFTM

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo identificar quais os contextos linguísticos e extralinguísticos que propiciam a ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala de moradores da cidade de Uberaba- MG. Entende-se por “monotongação” o processo de redução do ditongo, que perde sua semivogal e passa a uma vogal simples, como ocorre em “c[ay]xa” > “c[a]xa” (HORA; RIBEIRO, 2006). Sendo assim, sabendo que a língua portuguesa sofreu e sofre variações e mudanças à medida que é utilizada por seus falantes, faz-se necessário que se realizem pesquisas na área de Variação Linguística objetivando uma abordagem científica do tema. Para isso, organizamos um *corpus* de língua falada, representativo da comunidade urbana de Uberaba – MG, por meio de entrevistas, que foram embasadas no modelo laboviano. Foram entrevistados 24 informantes de escolarização e sexo diferentes. Após essa etapa, as entrevistas foram transcritas ortograficamente e, posteriormente, foram selecionadas as ocorrências de palavras com ditongo decrescente e com a monotongação do ditongo decrescente, estas, por sua vez, foram transcritas foneticamente também. As ocorrências foram quantitativamente analisadas, com a ajuda do programa estatístico GOLDVARB X, segundo fatores linguísticos e extralinguísticos, levando em consideração a variável dependente: monotongação ou não dos ditongos decrescentes. Os resultados obtidos mostraram que, na fala do uberabense, há a preferência pela forma monotongada dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ e que tal preferência é condicionada, principalmente, por fatores linguísticos, tais como o contexto fonológico seguinte, a extensão da palavra e a tonicidade. Em relação aos fatores considerados extralinguísticos, como sexo, idade e escolaridade, no que diz respeito ao fenômeno da monotongação no português mineiro de Uberaba, eles pouco influem, ou até mesmo nada influem sobre sua realização.

Palavras-chave: Sociolinguística. Ditongo. Monotongo. Língua Falada.

Abstract

This dissertation aims to identify the linguistic and extralinguistic contexts that allow the occurrence of the monotongation of the descending oral diphthongs in the speech of residents of the city of Uberaba - MG. Monotongation is the process of reducing the diphthong that loses its semivowel and changes into a simple vowel, as in "c[ay] xa" > "c [a] xa" (HORA; RIBEIRO, 2006). Thus, knowing that the Portuguese language has had variations and changes as it is used by its speakers, it is necessary to carry out a research in the area of Linguistic Variation with a scientific approach onto the theme of this work. Thereon, we organized a corpus of spoken language through interviews with the representative urban community of Uberaba - MG, which was based on the Labovian model. Twenty-four (24) informants of different schooling and sex were interviewed. After this step, the interviews were orthographically transcribed and, later, the occurrence of words with descending diphthongs and the monotongation of the descending diphthongs were selected, which, in turn, were also transcribed phonetically. The occurrences were quantitatively analyzed with the help of the GOLDVARB X statistical program according to linguistic and extralinguistic factors, taking into account the dependent variable: monotongation or not of the descending diphthongs. The results obtained showed that in the Uberabense speech there is a preference for the monotong form of the diphthongs /aj/, /ej/ and /ow/ and that such preference is mainly conditioned by linguistic factors such as the following phonological context, the extension of the word and the tone. In relation to factors considered extralinguistic, such as sex, age and schooling, with respect to the phenomenon of monotongation in the Portuguese of Uberaba, they have little or no influence on their achievement.

Keywords: Sociolinguistics. Diphthong. Monophthong. Spoken language.

Lista de figuras

- | | | |
|-----------------|---|----|
| Figura 1 | Representação do sistema vocálico do Português Brasileiro | 26 |
| Figura 2 | Mapa de localização do município de Uberaba | 36 |

Lista de gráficos

Gráfico 1	Ocorrências de palavras com ditongos no <i>corpus</i>	45
Gráfico 2	Frequência da monotongação de /aj/ na fala do Uberabense	47
Gráfico 3	Resultados do grupo de fator tonicidade para /aj/	49
Gráfico 4	Frequência da monotongação de /ej/ na fala uberabense	54
Gráfico 5	Resultados do grupo de fatores “contexto fonológico seguinte” para /ej/	56
Gráfico 6	Resultados do grupo de fator tonicidade para /ej/	57
Gráfico 7	Frequência da monotongação do /ow/ na fala uberabense	61
Gráfico 8	Resultados do grupo de fator escolaridade para /ow/	62
Gráfico 9	Resultados do grupo de fator contexto fonológico seguinte para /ow/	64
Gráfico 10	Resultados do grupo de fator extensão da palavra para /ow/	65

Lista de quadros

Quadro 1	Fatores que favorecem a monotongação em estudos variacionistas realizados pelo Brasil	33
Quadro 2	Grupo de informantes	38
Quadro 3	Duração das entrevistas	40
Quadro 4	Variável dependente	42
Quadro 5	Variáveis linguísticas	43
Quadro 6	Variáveis extralinguísticas	43

Lista de tabelas

Tabela 1	Resultados do grupo de fator “contexto fonológico seguinte” para /aj/	48
Tabela 2	Resultados do grupo de fator “extensão da palavra” para /aj/	51
Tabela 3	Resultados do grupo de fator “sexo” para /aj/	52
Tabela 4	Resultados do grupo de fator “faixa etária” para /aj/	52
Tabela 5	Resultados do grupo de fator “escolaridade” para /aj/	53
Tabela 6	Cruzamento de dados: tonicidade x contexto fonológico seguinte	58
Tabela 7	Resultados do grupo de fator “extensão da palavra” para /ej/	59
Tabela 8	Resultados do grupo de fator “sexo” para /ej/	59
Tabela 9	Resultados do grupo de fator “faixa etária” para /ej/	60
Tabela 10	Resultados do grupo de fator “escolaridade” para /ej/	60
Tabela 11	Resultados do grupo de fator “sexo” para /ow/	63
Tabela 12	Resultados do grupo de fator “faixa etária” para /ow/	63
Tabela 13	Resultados do grupo de fator “tonicidade” para /ow/	66

Sumário

Introdução	10
1 Embasamento teórico	14
1.1 Teoria da Variação Linguística	14
1.1.1 As diferentes variações da língua	17
1.1.2 O contexto sociolinguístico	19
1.1.3 A metodologia sociolinguística	22
1.2 Fonologia do português	25
1.2.1 As vogais do português.....	25
1.2.2 Ditongo	27
1.2.3 Processos fonológicos.....	29
1.2.4 Monotongação	31
1.2.5 Monotongação dos ditongos orais decrescentes: alguns estudos já realizados no Brasil.....	31
2 Procedimentos metodológicos	35
2.1 Metodologia sociolinguística	35
2.2 Informantes e a região urbana de Uberaba	35
2.2.1 A cidade de Uberaba.....	36
2.2.2 Amostra de informantes.....	37
2.3 Instrumentos metodológicos	39
2.4 Procedimentos para análise e grupos de fatores	39
2.4.1 Goldvarb X	41
2.4.2 Variáveis analisadas	42
3 Apresentação e discussão dos resultados	45
3.1 Apresentação e análise dos dados relativos ao ditongo /aj/	46
3.2 Apresentação e análise dos dados relativos ao ditongo /ej/	54
3.3 Apresentação e análise dos dados relativos ao ditongo /ow/	61
Considerações finais	67
Referências	70
Anexos	73

Introdução

Varição linguística é um fenômeno que consiste nas várias formas que se tem de dizer uma mesma coisa sem que ocorra mudança de sentido¹. Dizemos, então, que em uma língua não existe apenas uma única forma para cada significado. De fato, o que existe são variantes, que dizem respeito a um conjunto de opções do qual retiramos as formas que iremos empregar ao falar ou escrever.

Entretanto, há casos em que duas ou mais formas podem ocorrer num mesmo contexto, mas que não configuram uma questão de variação linguística. É o caso da alomorfia, que diz respeito às diferentes formas que um mesmo morfema pode adquirir sem que ocorra mudança de significado. Há, então, apenas mudança na forma do morfema. Por exemplo, temos confiável (confia+vel) e confiabilidade (confia+bil+idade) em que “bil” é alomorfe de “vel”, porém essa mudança não se relaciona com a mudança de que falamos na Sociolinguística. Mas acreditamos ser interessante mencioná-las aqui por estarem, as duas mudanças, relacionadas ao fato de ser a língua algo mutável, em constante processo de modificação.

Um bom exemplo de variação linguística é o caso da monotongação, processo em que um ditongo, como “ou” em “ouro”, “ei” em “peixe” e “ai” em “baixo”, é reduzido a uma única vogal (“oro”, “pexe”, “baxo”). No entanto, a escolha entre a realização ou não desse fenômeno não é aleatória, pois existem algumas motivações que guiam o falante constantemente no processo de formulação linguística.

Assumindo essa definição como ponto de partida, o principal objetivo deste estudo é investigar o processo fonológico da monotongação dos ditongos orais decrescentes “ai”, “ei” e “ou” na fala do morador de Uberaba – MG. Em relação a esse objetivo principal e partindo da hipótese de que esse fenômeno é recorrente na fala do uberabense, verificamos quais fatores linguísticos (contexto fonológico seguinte, tonicidade e número de sílabas) e extralinguísticos (sexo, faixa etária e escolaridade) são condicionantes na ocorrência ou não desse fenômeno.

Como descreveremos mais adiante, na seção 3, em que apresentamos os procedimentos metodológicos mobilizados nesta pesquisa, a análise que também apresentaremos contou com dados coletados da fala, a partir de entrevistas realizadas com 24 moradores da região urbana da cidade de Uberaba – MG, estratificados em sexo, idade e escolaridade.

¹ Pode-se questionar quanto a significados iguais associados a formas diferentes quando se trata de variação fora do nível fonológico. Por isso, Lavandera (1978) propõe a ampliação da condição de mesmo significado para comparabilidade funcional, isto é, estruturas apresentam a mesma intenção comunicativa, mas não necessariamente o mesmo significado.

A escolha dos informantes ocorreu de forma aleatória, como prevê a metodologia Sociolinguística. O que quer dizer que cada membro da comunidade de Uberaba teve a mesma chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa. Essa seleção foi aleatória, mas ao escolher determinado falante, este deveria se encaixar nos perfis (Cf. Quadro 2) exigidos pela pesquisa, que foram regidos por sexo, faixa etária e escolaridade. Além disso, deveria ter nascido ou ter se mudado para Uberaba até os cinco anos de idade. Ou seja, cada informante escolhido de forma aleatória se encaixou em algum dos perfis previamente determinados. Por exemplo, o Informante 1 era do sexo feminino, de 30 a 49 anos com ensino superior completo, nascido em Uberaba. Dessa forma, todos os outros informantes seguiram as mesmas especificações, variando dentro dos perfis expostos na seção 2 desta dissertação.

Após a realização das entrevistas, foram feitas as transcrições, a coleta de dados e, para melhor organizar as análises, facilitando a compreensão delas, fizemos uso do programa Goldvarb X, que forneceu os dados estatísticos para a seção de análise dos resultados. Essa codificação diz respeito à análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos, uma vez que é por meio deles que pudemos reconhecer os fatores que influenciaram ou não a monotongação dos ditongos orais na fala do Uberabense.

Dentre os fenômenos que encontramos em variação no Português Brasileiro (doravante, PB), temos os casos de palavras que ora são pronunciadas com ditongo oral decrescente, como “dinh[eɪ]ro”, e palavras que ora aparecem monotongadas (sob efeito do fenômeno da monotongação), como “dinh[e]ro”. De acordo com Cristofolini (2011), o processo de monotongação realiza-se no apagamento da semivogal de um ditongo, reduzindo o encontro vocálico (vogal mais semivogal – ditongo decrescente), para somente uma vogal (PAIVA, 1996; SILVA, 2004; HORA, 2007; SEARA, 2008). Não obstante, Collischonn (1999) postula que somente ditongos leves² podem sofrer monotongação, formados ainda no nível lexical.

Estudos de Hora e Ribeiro (2006), sobre o fenômeno da monotongação, demonstram que sua ocorrência é condicionada, principalmente, pelo contexto fonológico seguinte, ou seja, o modo de articulação dos fonemas que sucedem o ditongo influencia sua realização. Desta forma, nesta pesquisa, tentaremos, também, verificar se os resultados obtidos em outros estudos sobre a fala de diferentes regiões do país fornecem subsídios para a descrição e análise do falar uberabense. Portanto, levantamos as seguintes hipóteses:

² Para Bisol (2001), ditongos leves são aqueles ditongos decrescentes que passam a monotongos. A autora baseia sua observação na ideia de que alguns ditongos apresentam variação com monotongos (ame[eɪ]xa – am[e]xa) e outros não (r[eɪ]tor – *r[e]tor). Portanto, ditongos leves são os ditongos decrescentes que não ocupam duas unidades no esqueleto CV, ocupando apenas uma unidade de duração na sílaba.

- a) Das restrições linguísticas que decidimos monitorar, temos a hipótese de que o contexto fonológico seguinte é fundamental para o apagamento do ditongo.
- b) Os ditongos leves, considerados assim por importantes estudiosos da área, são aqueles em que a monotongação é realmente mais recorrente.

A relevância desta pesquisa centra-se, principalmente, no fato de que a língua portuguesa, como qualquer outra língua, sofreu e sofre variações e mudanças à medida que é utilizada por seus falantes, uma vez que é inerente à estrutura da língua ser variável de acordo com as necessidades dos usuários. Nesse sentido, o jeito de falar do mineiro é bastante discutido e comentado por apresentar peculiaridades, traços que são marcantes. Logo, é necessário que se realizem pesquisas na área de Variação Linguística, objetivando uma abordagem científica do tema.

Em Minas Gerais, algumas pesquisas na área de Sociolinguística já estão sendo realizadas, como a de Ramos (2007), que coordena um projeto, financiado pela FAPEMIG, que estuda o “mineirês” de Belo Horizonte e visa a identificar aspectos característicos do português mineiro nessa região. Dessa forma, investigar os traços linguísticos típicos da fala uberabense é relevante, pois, além de contribuir para o levantamento de informações sobre o Português Mineiro, também possibilitará a observação de peculiaridades na fala da comunidade de Uberaba. Por outro lado, é importante lembrar que os estudos sociolinguísticos nesta região ainda são restritos. Portanto, a escolha dessa cidade se deve ao fato de que, na região do Triângulo Mineiro, Uberaba ainda é uma cidade pouco explorada no que diz respeito a pesquisas linguísticas.

Para fundamentação de nossas análises, foi necessário um levantamento bibliográfico que deu origem à seção 1, intitulada “Embasamento teórico”. Esta seção encontra-se dividida em duas partes. A primeira parte trata da Teoria da Variação Linguística, apresenta, a título de exemplificação, alguns tipos de variação e, também, contextualiza historicamente esta teoria que é a base desta pesquisa. A segunda parte do nosso embasamento trata da Fonética e da Fonologia, ambas estudam os sons da fala, portanto, por trabalharmos com dados coletados de falas, os conceitos dessas duas áreas são fundamentais para melhor entendimento do fenômeno da monotongação, objeto de estudo desta pesquisa.

Além disso, fez-se necessário, também, apresentar uma discussão a respeito das vogais e, conseqüentemente, dos ditongos existentes em nossa língua. Uma vez que, para a monotongação ocorrer, antes deve existir um ditongo que é constituído por vogais. Por isso a necessidade de se conhecer exaustivamente esses conceitos. Além disso, apresentamos uma discussão a respeito de processos fonológicos, que tratam das alterações ocorridas nas formas

básicas dos morfemas, em início, meio ou fim de palavra (CAGLIARI, 2002; SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011). É esse conceito que integra o fenômeno fonológico da monotongação, visto que este consiste no apagamento da semivogal que compõe os ditongos. Por fim, foram apresentados resultados de pesquisas já realizadas no Brasil com o mesmo fenômeno a fim de que contribuíssem com as nossas análises. A partir delas pudemos definir quais contextos linguísticos e extralinguísticos seriam mais relevantes para a análise da monotongação na fala uberabense.

A segunda seção desta dissertação, intitulada “Procedimentos metodológicos”, traz considerações a respeito da metodologia Sociolinguística, enfatizando os processos que compõe esta pesquisa, como a seleção de informantes, a realização das entrevistas, a coleta de dados e, posteriormente, a organização desses dados para que pudessem ser analisados com a ajuda do programa Goldvarb X. Ainda nessa seção, apresentamos também informações relativas à cidade de Uberaba – MG, com o intuito de caracterizá-la e situá-la geograficamente.

Na terceira seção, intitulada “Apresentação e discussão dos resultados”, apresentamos a análise dos dados, descrevendo separadamente cada um dos ditongos investigados. Portanto, criamos subseções a fim de que fossem feitas análises específicas do /aj/, do /ej/ e do /ow/, mostrando quais grupos de fatores são mais influentes ou não em cada um deles. Por fim, apresentamos as considerações finais enfatizando os resultados obtidos em nosso estudo e realizando uma revisão geral daquilo que foi desenvolvido em toda a pesquisa. Ainda foram apresentadas as referências bibliográficas que nortearam o desenvolvimento deste estudo, os anexos, como o roteiro de entrevista e o termo de consentimento para as gravações, e o apêndice, com as transcrições das entrevistas³.

³ As transcrições das entrevistas foram disponibilizadas em um CD anexo à dissertação, uma vez que obtivemos um grande número de páginas e não seria viável anexá-las ao final do texto.

1 Embasamento teórico

Nesta seção, são apresentadas as teorias que embasam as análises dos dados obtidos nesta pesquisa. Para que pudéssemos explicar o fenômeno da monotongação na fala do morador de Uberaba – MG, foram selecionadas teorias que dizem respeito à Sociolinguística e à fonologia, que serão explicadas nos itens a seguir.

1.1 Teoria da Variação Linguística

No início dos anos de 1960, nasce a Sociolinguística, uma nova vertente teórica da linguística que chega, principalmente, para romper com antigos paradigmas. Essa área surge da necessidade de se mudarem alguns pensamentos da época, como os que diziam ser a língua uma estrutura homogênea e que, na heterogeneidade, era impossível se ter uma organização estrutural da língua. Estudos como os de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) constituem-se como os principais pontos de partida para a consolidação dessa área. São estes estudiosos que elaboraram os primeiros e mais importantes trabalhos já produzidos na época e que até hoje são mantidos como referência para pesquisas sociolinguísticas.

A Sociolinguística é a área que estuda a língua em seu uso real, isto é, que estuda, de acordo com Labov (2008 [1972], p. 13), “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social”. Dessa forma, ao estudar a língua em situação real de comunicação, esse ramo da linguística afirma que é impossível a língua ser estudada sem se considerarem as relações existentes entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Portanto, a Sociolinguística se dedica aos estudos sobre a relação da linguagem com a sociedade.

Ao levar em consideração a língua em seu uso real, esse ramo da Linguística precisa reconhecer que variação e mudança linguísticas são inerentes à língua, uma vez que, realizada por falantes diversos, cada um inserido numa determinada realidade social, a língua se manifesta de diversas maneiras, dependendo do indivíduo ou do grupo que a utiliza.

Sintetizando, a Sociolinguística parte do princípio de que a língua é uma instituição social que não deve ser estudada separadamente de seus aspectos sociais e, além disso, varia, podendo chegar à mudança ou não. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam essa variação, procurando verificar o nível de ocorrência de um fenômeno,

se ele está em seu início ou se já completou um trajeto que o indicará para uma mudança. Labov (2008 [1972], p. 20) esclarece essa ideia dizendo que

a maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada.

Portanto, como escreve Labov (2008 [1972]), a mudança linguística acontece quando a variação é constatada na língua e esta alcança sua regularidade, ou seja, quando uma forma linguística é preferencial e regularmente escolhida pelos falantes.

Quando conversamos com indivíduos de regiões de cultura muito distinta da nossa, pode haver problemas comunicacionais, sobretudo quando se considera o léxico que os falantes utilizam. Para os baianos, por exemplo, “jerimum” corresponde à “abóbora”. Enquanto “jerimum” é mais usado no Nordeste, “abóbora” é o vocábulo mais usado no Sul e Sudeste do Brasil. Tais contrastes constituem o retrato de uma variação linguística, a variação lexical, e, conforme elucida Beline (2012, p. 122) “fazer referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico é apenas um dos modos como uma língua pode variar”.

Ao trabalhar com a variação linguística, Beline (2012) mostra, também, que o modo como falantes paulistanos e cariocas pronunciam o –r em final de sílaba constitui um exemplo de variação. Os paulistanos pronunciam o –r como uma vibrante simples (um tepe⁴), enquanto os cariocas “aspiram” o mesmo –r. Utilizando modos diferentes de pronúncia e considerando a corrente da sociolinguística variacionista, compreendemos que o [r] (paulistano) e o [h] (carioca) constituem variantes linguísticas. Portanto, as formas variantes recebem o nome de variantes linguísticas, e a esse conjunto de duas ou mais variantes dá-se o nome de variável dependente linguística.

Tarallo (1990, p. 8) também afirma que toda comunidade de fala possui formas linguísticas em variação, isso significa que existem “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Portanto, é um fato naturalmente perceptível que os falantes de uma língua podem fazer escolhas entre formas variantes dentro de uma mesma língua.

⁴ No texto original, o autor utilizou a palavra *flap* para se referir ao /r/ vibrante simples, contudo, foneticamente, essa consoante é denominada *tepe*, como apresentamos neste trabalho.

Contudo, mesmo que os falantes realizem alternâncias entre as produções linguísticas, tal fato não impede um falante de compreender o que o outro diz. Pelo contrário, além de ocorrer esse entendimento, o falante, costumeiramente, consegue identificar a que variedade linguística pertence a fala do outro, principalmente, se está em contato com falantes de regiões geográficas diferentes. Isso é possível, pois, de acordo com o que propõe a Sociolinguística, a língua é heterogênea, passível de variação, mas sistematizada, possuindo ordem.

Conceber a língua como heterogênea e sistematizada é, singularmente, característica de estudiosos da Sociolinguística. William Labov (2008 [1972]), um dos estudiosos precursores dessa vertente teórica, surge, então, segundo Tarallo (1990, p. 7), com a ideia de “veementemente, [...] insistir na relação entre língua e sociedade na possibilidade [...] de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

Dessa forma, Labov (2008 [1972]), Tarallo (1990), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e outros importantes autores propuseram, em seus trabalhos, analisar a sistematização da heterogeneidade da língua falada, mostrando que considerar a língua como algo homogêneo, tal como a consideravam nos estudos pioneiros da Linguística, é algo inadequado em se tratando de realidade linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) acrescentam que, apesar do fato de existir a mudança variacional, a estruturalidade da língua não é afetada, isto é, a língua permanece estruturada enquanto as mudanças vão acontecendo.

A Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), de maneira geral, tem por objetivo estudar a variação e a mudança da língua de uma comunidade de fala dentro de um contexto social. Para Tarallo (1990, p. 6), “trata-se de um modelo teórico-metodológico que assume o “caos” linguístico como objeto de estudo”. Ou seja, essa linha teórica propõe lidar justamente com a língua falada (mas não somente), denominada, ironicamente, pelo autor de “caos” por permitir aos seus falantes uma grande variedade de escolhas, seja entre um som, uma palavra ou mesmo entre uma estrutura.

A língua permite que coexistam tais possibilidades de escolha sem que isso interfira no seu bom funcionamento. Todavia, pode acontecer de uma dessas variantes ser mais utilizada pelos falantes, configurando um caso de mudança em progresso, e podendo evoluir até um momento em que certas formas desaparecem e somente a forma preferida se mantém na língua. Ao se atingir esse estágio, diz-se que a mudança linguística se completou e uma nova regularidade é atingida (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 1990). Contudo, vale ressaltar que nem toda variação implica mudança linguística. Somente alguns casos de variação perduram até que se chegue à mudança, e isso depende, principalmente, dos falantes de uma comunidade de fala.

Enfim, sabendo que a ideia de variabilidade é inerente a qualquer sistema linguístico, surge o questionamento sobre como um falante realiza uma determinada escolha e não outra. A partir desse questionamento, nasce a Sociolinguística, com o desenvolvimento de pesquisas como as de Labov, na década de 60, do século passado, designando uma nova perspectiva de análise, reunindo questões sobre o lugar social da língua e as diversidades linguísticas, com o intuito de descrever o funcionamento de tais escolhas feitas pelo falante. Labov inicia um novo modelo teórico-metodológico denominado Sociolinguística Quantitativa, uma vez que opera com números e dados estatísticos.

Com o surgimento da teoria Sociolinguística, tenta-se explicar, então, que as escolhas realizadas pelos falantes não são aleatórias e não ocorrem simplesmente por opção, mas seguem um modelo sistemático, ordenado por regras variáveis, que expressam a correlação entre ambiente linguístico e contexto social.

Ao postular que é impossível entender variação e mudança fora da vida social da comunidade, Labov estabelece, em um de seus trabalhos referentes ao inglês norte-americano da cidade de Nova Iorque, uma correlação entre padrões linguísticos variáveis e influências sociais do meio em que estão inseridos os falantes. Com o desenvolvimento desse estudo, o autor constata uma forte relação entre a estratificação social dos usuários da língua e seus usos linguísticos diferenciados, corroborando, portanto, a ideia de que língua e sociedade estão diretamente ligadas.

O estudioso conclui, então, que fonologia, morfologia e sintaxe (estruturas internas da língua) estão diretamente relacionadas com fatores sociais, externos à língua, como faixa etária, escolarização, classe social, etc.

Em síntese, a partir do breve percurso traçado sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, pode-se afirmar que língua e sociedade se correlacionam inquestionavelmente. Estudos já foram desenvolvidos, e continuam sendo, comprovando que a língua falada por qualquer comunidade é heterogênea e possui um sistema organizacional que a impede de ser taxada como um caos.

1.1.1 As diferentes variações da língua

Encarando a variação por uma perspectiva dialetológica, a sociolinguística se preocupa em determinar os limites entre os diferentes falares de uma língua. Sob essa ótica, interessa ao pesquisador verificar se os falantes de uma mesma língua diferenciam-se no modo de falar, considerando-se o lugar onde se encontram, de acordo com o grau de formalidade que a situação

exige e de acordo com a pertença socioeconômica do falante. Para as situações mencionadas, temos, respectivamente, a variação diatópica, a variação diafásica e a variação diastrática. Estes são alguns exemplos de variação, sendo necessário ressaltar que outros existem, mas nos dedicaremos a esses, a fim de deixar mais claro como a variação pode ocorrer na língua.

A variação diatópica diz respeito às diferenças entre regiões. Também denominadas como dialetos, essas variações são ocasionadas por influência da cultura local. Portanto, nesse caso, as escolhas linguísticas acontecem a partir da cultura que cada falante adquire durante sua permanência em determinada região. A diferença de vocabulário que conseguimos perceber quando viajamos por diversas regiões é um bom exemplo, vejamos: por exemplo, na região sudeste, predomina o uso da palavra “mandioca” ao passo que, em outras regiões, como no nordeste, utiliza-se “aipim”.

Já a variação diafásica ocorre em função do contexto comunicativo, ou seja, nessa categoria, a ocasião é que irá determinar o uso de um modo de falar distinto. Como exemplo, podemos citar uma conversa entre amigos e uma apresentação de trabalho acadêmico. Em cada uma dessas situações, o falante irá adequar sua fala de acordo com as exigências de formalidade, sendo menos ou mais formal, de acordo com a necessidade.

Por fim, consideramos variação diastrática aquela ocorrida em virtude da convivência entre grupos sociais. Como exemplo, temos a linguagem médica, a linguagem entre grupos de jovens, de velhos e de crianças. Trata-se de variação social, e fatores como faixa etária, escolaridade, classe social, etc. são preponderantes para a criação de um vocabulário próprio.

Beline (2012, p. 128) ressalta que, embora o indivíduo utilize diversas variantes, ele sabe que há limites para sua variação, e o papel de estabelecer tais limites é o da comunidade de fala, isto é, cabe aos falantes de uma mesma comunidade estabelecê-los, evitando, assim, uma “total anarquia linguística”. Para que esse limite seja estabelecido, é imprescindível que haja semelhanças entre a língua que o indivíduo emprega e a que os outros membros de uma mesma comunidade empregam.

Sendo assim, importa para este estudo que expliquemos o conceito de comunidade de fala para melhor entendermos o estabelecimento desses limites. Beline (2012) utiliza a definição de comunidade de fala concebida por Guy (2001 apud BELINE, 2012, p. 129), que é composta por falantes que: I) compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; II) comunicam-se relativamente mais entre si do que com os outros; e III) compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem, o que não significa dizer, por exemplo, que todos falem exatamente da mesma maneira.

Conforme explica Beline (2012), considerando-se a característica I, as variantes que aparecem em determinados grupos são distintas de outros, em uns vão se distinguir pela frequência com que ocorrem, em outros pela maneira como ocorrem, nas palavras do próprio autor se distinguirão em quantidade ou qualidade, respectivamente. Por exemplo, os limites da fala dos gaúchos de Porto Alegre são destacados pelo uso recorrente do “tu”, e caracterizados pelo pouco uso do “você”, configurando um traço linguístico que diferencia a comunidade de fala da capital gaúcha de outra situada em outra região.

O item II refere-se à resposta do primeiro, pois, se a comunicação intensa entre falantes de determinada comunidade leva à permanência de suas peculiaridades linguísticas, em contrapartida, a ausência de contato linguístico entre os membros de uma comunidade propicia o desenvolvimento das diferenças linguísticas. Ou seja, a fala do gaúcho é do jeito que é porque o contato linguístico desse falante é muito mais com membros de sua própria comunidade gaúcha, do que com membros de outra, como a paulista, por exemplo. Portanto, preserva muito mais peculiaridades de sua própria comunidade, diferenciando-se de outras.

O item de número III refere-se aos pensamentos, e até julgamentos, que fazemos frente às escolhas linguísticas de uma comunidade de fala diferente da nossa. Muitas vezes julgamos a fala do outro fazendo comentários do tipo “a maneira como os paulistas pronunciam o –r é feia” (BELINE, 2012, p. 129). Dessa forma, Beline (2012) explica que não assumimos as peculiaridades linguísticas das pessoas com as quais não possuímos empatia e das quais gostaríamos de nos distanciar, ou ainda daqueles com quem não queremos nos parecer.

1.1.2 O contexto sociolinguístico

A publicação do Curso de Linguística Geral (doravante, CLG) (SAUSSURE, 2012 [1916]) constitui um valioso símbolo para o nascimento da linguística moderna e, simultaneamente, do Estruturalismo. Conforme assinala Calvet (2002, p. 31), ainda que Saussure classificasse a língua como uma instituição social, o Estruturalismo elegeu um objeto de estudo que se caracteriza pela negação daquilo que de social é inerente à língua. Em outras palavras, Saussure separa a língua das condições externas de que ela depende para se realizar efetivamente, reduzindo-a a um sistema abstrato.

No entanto, enquanto no CLG um modelo abstrato de língua é elaborado, em outro momento surge uma perspectiva diferente (o da Sociolinguística) em que, além de se considerar o caráter estrutural da língua, consideram-se, também, suas funções sociais, aperfeiçoando a ideia de que a língua não é somente um sistema social por simplesmente ser elaborada por uma

comunidade. Essa nova corrente entende que esse “ser social” da língua vai muito além de sua simples realização por um dado grupo.

No ano de 1964, vinte e cinco pesquisadores se agruparam na Universidade da Califórnia (Los Angeles), a fim de participarem de uma conferência sobre Sociolinguística presidida por William Bright⁵. Esse encontro possibilitou a ampliação do debate de questões pertinentes à ligação entre linguagem e sociedade. Nas palavras do próprio Bright, a substancial incumbência da sociolinguística é a de “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”, acrescentando que a sociolinguística “relaciona as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1966 apud CAMACHO, 2012, p. 52). Em outras palavras, Bright já afirmava aquilo que Labov (2008 [1972]) também veio a dizer mais tarde: não se pode entender o desenvolvimento de uma variação/mudança linguística sem considerar a vida social da comunidade em que ela ocorre.

De acordo com Calvet (2002), o texto *As dimensões da Sociolinguística*, em que Bright (1974 [1966] apud CALVET, 2002) define e caracteriza a nova área de estudos, registrando o nascimento da sociolinguística, serve também para inscrever a necessidade de uma segunda perspectiva de como fazer ciência, contrapondo-se também à gramática gerativa de Chomsky, predominante naquele contexto histórico. Considerando ainda os estudos de Calvet (2002), a respeito de Bright (1974 [1966] apud CALVET, 2002), há de se ressaltar que a sociolinguística só poderia ser concebida como uma interpelação agregada aos fatos da língua e reforçada pela própria linguística formal, em consonância com outras áreas: a sociologia e a antropologia.

A respeito da ascensão dos estudos da linguagem e suas implicações na conjuntura social, Camacho (2012) afirma que o termo *sociolinguística* engloba uma diversidade de assuntos e, para isso, o autor sugere, pelo menos, três áreas (Sociologia da linguagem, Etnografia da comunicação e Sociolinguística Variacionista) dos estudos da linguagem que abarcam o termo, das quais uma se relaciona melhor com os estudos aqui desenvolvidos: a *Sociolinguística Variacionista*. Designada por ele de terceira área, ela aborda a investigação da linguagem na esfera social em busca de respostas para os problemas intrínsecos à teoria da linguagem.

Para um aprofundamento da *Sociolinguística Variacionista*, Camacho (2012) se utiliza de um exemplo cotidiano, afirmando que dois falantes de uma mesma língua, ou variedade

⁵ William Bright foi organizador de um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles no ano de 1964, com o principal objetivo de fixar o termo Sociolinguística. Participaram desse evento vários estudiosos da Sócio, entre eles, William Labov.

dialetal, raramente irão exprimir suas falas de maneira idêntica. Para o autor, mesmo considerando um único falante, ele não se expressará do mesmo modo, ou seja, “nenhum usuário de uma língua é falante de um único e mesmo estilo ou registro⁶” (CAMACHO, 2012, p. 54). O autor acrescenta ainda que é o contexto discursivo, isto é, a situação de produção de cada falante que determinará o uso de certas expressões e não outras, assim como o grau de formalidade utilizado.

Dessa forma, a corrente sociolinguística surge para “correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de ordem linguística e de ordem social” (CAMACHO, 2012, p. 54). Ou seja, esse novo discurso surge para insistir essencialmente na relação entre a forma da língua e suas funções sociais, questionando a teoria estruturalista que se atenta, exclusivamente, a questões internas da língua, excluindo suas relações exteriores.

Ainda em Camacho (2012), podemos entender que os domínios linguístico e social são “fenômenos estruturados e regulares”, o que quer dizer que a realização da variação na língua não é algo desordenado e arbitrário, pelo contrário, o autor afirma que, para isso, há o uso de uma propriedade inerente aos sistemas da língua conhecida por heterogeneidade constitutiva.

Portanto, se determinado falante emite o verbo “levaram” de maneira [le.'va.rɔ] ou, ainda, outro falante como [le.'va.rõ], ou mesmo que haja uma alternância entre as duas formas produzidas por um mesmo falante, essa variação não pode ser encarada como uso arbitrário e ilógico, em consequência do uso dessa capacidade de ser heterogênea inerente à língua (CAMACHO, 2012, p. 54).

Ao sociolinguista variacionista, fenômenos como presença e ausência de certos segmentos sonoros, como, por exemplo, o fonema consonantal /s/, sempre interessarão. Em “os livros/os livro”, temos um exemplo da presença e ausência da fricativa alveolar desvozeada, respectivamente. Para esse fenômeno, o autor esclarece que a ausência ou a presença dessa fricativa alveolar desvozeada dependerá de se o segmento está localizado numa sílaba átona final, como acontece em “livros”, “meninos”. Caso o segmento incida sobre uma sílaba tônica, como ocorre em “ananás”, a possibilidade de ausência do /s/ é baixa (vale ressaltar que o autor considera a variedade dialetal paulista ao fazer as análises).

⁶ Registro e estilo são dois conceitos da Sociolinguística. De acordo com Da Hora (s/d, p. 77), registro está relacionado às “formas de falar utilizadas por determinados grupos que fazem parte de uma área de conhecimento: advogados, médicos, técnicos em computação” e estilo “se refere à variação dos registros que podem representar as escolhas individuais ao longo das dimensões sociais”. Ou seja, a dimensão estilística dentro de um registro diz respeito ao grau de formalidade que a situação comunicacional exigirá do falante, podendo este variar num *continuum* formalidade – casualidade.

Adiante, ele expõe ainda a diferença entre “meninos” e “Marcos” numa sentença como “O Marcos levou os meninos ao teatro”. Em um primeiro momento, o autor afirma que seria mais “natural” que os falantes suprimissem mais a variante [s] do nome próprio que a do nome comum de “os meninos”. Morfologicamente, explica Camacho (2012) que o [s] de Marcos não desempenha nenhuma função, o que não podemos afirmar em relação ao [s] presente em “meninos”, pois ele constitui a marca gramatical de plural.

No entanto, o autor vai explicar que essa correlação que se estabelece entre os dois usos de [s] não se sustenta, visto que, através de uma simples análise do sistema linguístico, percebemos que, ao se utilizar de uma regra sintática de concordância estabelecida nesse sistema, a categoria de número é redundantemente marcada em “os meninos”, uma vez que tanto o artigo definido “os” quanto o substantivo “meninos” apresentam a marca de plural.

Posto isso, ao olharmos para um uso mais real da língua, observamos que, em um sintagma nominal complexo, como esse do exemplo, basta que a marca de plural seja feita no constituinte que estiver mais à esquerda e, assim, se estabelecerá o sentido informacional da frase, sendo possível que as demais marcações sejam excluídas sem que isso cause problemas de entendimento. Dessa forma, percebemos que, levando em conta questões simplesmente informacionais, tanto faz dizer “Marcos” ou “Marco”, como “os meninos” ou “os menino” (CAMACHO, 2012).

Por fim, depois de realizado esse estudo, concluímos esta seção reafirmando a ideia exposta inicialmente de que é impossível entender a linguagem de maneira separada de suas funções interacionais, uma vez que ela é resultado (ou parte integrante) do comportamento social (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 1990; CAMACHO, 2012). Portanto, a sociolinguística surge para abordar as transformações da linguagem, inserindo-a no contexto social das comunidades. Além disso, lida com questões de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, a fim de explicar a configuração das regras linguísticas, tratando do modo como ocorrem seus arranjos em sistemas e, sobretudo, examinando a descrição das regras e sistemas ao longo da história.

1.1.3 A metodologia Sociolinguística

Nesta subseção apresentamos um possível percurso metodológico para pesquisas sociolinguísticas que, principalmente, visam trabalhar com grupos ou comunidades de fala. Vale lembrar que fizemos apenas um apanhado geral da metodologia Sociolinguística, voltando

a falar mais especificamente dela e contextualizando nosso estudo na seção de número 3, dedicada exatamente à descrição dos processos metodológicos utilizados neste trabalho.

De acordo com Labov (2008 [1972], p. 242), “em todo empreendimento acadêmico que lide com pesquisa na comunidade de fala, existe sempre muito interesse quanto aos primeiros passos a dar”. Assim sendo, passemos aos aspectos metodológicos gerais de pesquisas sociolinguísticas centradas nas comunidades de fala.

Inicialmente, de acordo com Cezario e Votre (2011) o ponto de partida seria a definição do objeto de estudo. É nesse momento que se realiza a descrição detalhada da variável escolhida, explicitando as variantes e os contextos possíveis de ocorrer ou não o fenômeno definido para análise. Ou seja, “é necessário primeiramente reconhecer uma variável e identificar suas possíveis variantes” (COELHO et al., 2015, p. 119). Identificar a quantidade de variantes de uma variável linguística depende do fenômeno analisado, uma vez que sabemos que um fenômeno em variação “implica sempre a existência de duas ou mais formas de se veicular um mesmo significado referencial/representacional” (COELHO et al., 2015, p. 119). Desse modo, Guy e Zilles (2007, p. 36) reafirmam isso dizendo que

A identificação de uma variável inclui definir as variantes (o que é e o que não é uma ocorrência da variável em estudo) e determinar o envelope da variação (onde é possível ou impossível que a variável ocorra). Contextos categóricos⁷ (nos quais não há variação) e contextos neutralizadores (nos quais a variação é irrelevante ou imperceptível) devem ser identificados e, normalmente, são excluídos da análise.

Portanto, definir o objeto de estudo significa identificar uma variável e suas formas variantes. Em uma análise quantitativa, a variável linguística definida para análise é tratada como variável dependente e é a partir dela que definimos as variáveis independentes (também conhecidas por grupo de fatores) que dizem respeito aos contextos que possam influenciar a escolha entre as formas variantes.

Na Sociolinguística, a escolha dos grupos de fatores está diretamente relacionada às hipóteses que são levantadas em resposta aos questionamentos feitos inicialmente em uma pesquisa. De acordo com Coelho et al. (2015, p. 124), definir essas variáveis independentes é “um importante passo na pesquisa e é uma tarefa que, normalmente, vai sendo refeita ao longo da análise”, por isso é comum que novos grupos de fatores sejam inseridos na pesquisa e outros

⁷ Entendemos por contextos categóricos (ou regras categóricas) aqueles que sempre se aplicam da mesma forma, ou seja, contextos que indicam aplicação de 100% ou 0% para determinado fenômeno. Por exemplo, na monotongação, configura-se como regra categórica o apagamento do glide /w/ em verbos terminados em /ow/, como em ‘falou – falô’.

descartados, uma vez que no decorrer da pesquisa as hipóteses e questionamentos também vão se refinando.

Ainda sobre os grupos de fatores, é importante dizer que eles se subdividem em linguísticos e não linguísticos. Isto é, são escolhidos contextos de natureza linguística e extralinguística para serem observados. Os de natureza linguística referem-se às questões intrínsecas à língua, como, por exemplo, extensão da palavra, tonicidade, classe de palavras, etc. Já os de natureza extralinguística referem-se às questões sociais do informante, como idade, escolaridade, classe social, entre outros. Enfim, cada grupo de fator é escolhido conforme a necessidade do objeto de estudo e as hipóteses inicialmente levantadas.

Passada essa etapa de definição do objeto de estudo, pode-se pensar na escolha da comunidade de fala a ser estudada. Esta diz respeito aos informantes que nos fornecerão os dados para a análise. Portanto, o pesquisador define, de acordo com seus objetivos, o grupo de indivíduos que lhe servirá de base para o estudo. Essa escolha não é aleatória, há características sociais que têm se mostrado relevantes nos estudos sociolinguísticos, são elas, idade, escolaridade, sexo, nível socioeconômico, etnia, etc. Cabe ao pesquisador selecionar aquelas mais relevantes para o fenômeno em variação.

Selecionados os informantes, a próxima etapa diz respeito à coleta de dados. Em pesquisas que lidam com a língua falada, o principal método, segundo Labov (2008 [1972]), é aquele em que ocorre a observação da língua em contextos naturais de interação. Isto é, em contextos em que utilizamos a forma coloquial da língua, em que o mínimo de monitoração ou atenção é dispensado à fala. Sendo assim, ainda de acordo com os estudos de Labov (2008 [1972]), a melhor forma de coletar bons dados é por meio de entrevistas individuais em que o falante é orientado a produzir narrativas de experiências pessoais, uma vez que, ao envolver o falante em situações que o façam recriar emoções já vividas, este conseqüentemente desviará a atenção de sua própria fala e deixará emergir uma forma mais informal da língua.

Feita a coleta de dados, passamos à coleta das ocorrências do fenômeno em análise. Normalmente, as entrevistas são transcritas ortograficamente e é a partir delas que são reunidas as ocorrências. Após essa etapa, o próximo passo é a codificação dos dados.

Codificar os dados é extremamente importante, já que, dependendo do tipo de fenômeno, podemos chegar a um número bastante elevado de ocorrências. Daí a necessidade de se codificar os dados para que possamos obter ajuda de programas computacionais. Atualmente, na Sociolinguística, o programa mais utilizado para auxiliar na elaboração estatística dos resultados é o Goldvarb X (que melhor será explicado na seção de metodologia).

Enfim, nesta etapa atribui-se um código para cada fator de cada grupo, devendo ser cada um desses códigos obrigatoriamente distintos um do outro.

Por fim, após essa etapa, os dados poderão ser quantitativamente analisados com a ajuda de programas computacionais e, então, partimos para descrição e análise dos resultados.

1.2 Fonologia do português

Fonética e Fonologia são áreas da Linguística que se complementam, já que ambas estudam os sons da fala. De acordo com Cagliari (2002), a Fonética preocupa-se, principalmente, com a descrição dos fatos físicos que caracterizam os sons da fala. Enquanto a Fonologia faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética. No entanto, mesmo que ambas as áreas tratem do mesmo objeto sonoro, elas possuem métodos e técnicas diferentes, almejando resultados, também, diferentes.

Neste trabalho, utilizaremos conceitos dessas duas áreas. A Fonética nos auxiliará nas transcrições das ocorrências identificadas durante a coleta de dados; e a Fonologia, na interpretação desses dados. Portanto, faz-se necessário que descrevamos a seguir conceitos pertencentes a ambas e que são fundamentais para o completo entendimento do fenômeno da monotongação, objeto desta pesquisa.

1.2.1 As vogais do português

Segundo a definição apresentada por Silva, T. C. (2011), vogais são sons produzidos sem obstrução da passagem de ar, podendo ser classificadas quanto a suas qualidades de altura, anterioridade/posterioridade da língua e posição dos lábios. Tal definição é consoante com o que dizem Câmara Jr. (2011 [1970]) e Cagliari (2007). Esses autores ainda descrevem as vogais distinguindo-as das consoantes. Nas palavras de Cagliari (2007, p. 51), as vogais se diferem das consoantes “pelo fato de terem uma qualidade acústica específica, pelo modo como são articuladas e pela maneira como participam na formação das sílabas”. Além disso, o autor especifica que elas se diferenciam das consoantes justamente pelo fato de não produzirem fricção no canal fonatório bucal, assim como apresentado, também, na definição dada por Silva (2011).

Após termos exposto o conceito de vogal, é essencial apresentarmos a descrição das vogais existentes no português do Brasil. Para Câmara Jr. (2011 [1970], p. 39), na escrita da

língua portuguesa, temos cinco (5) letras latinas para vogais, porém, na língua oral, a realidade é diferente, “o que há são sete fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones”.

Sendo o principal linguista a representar o sistema vocálico dessa maneira, o autor reconhece que, na realização da fala, nosso sistema vocálico vai além da simples realização das letras, apresentando duas realizações a mais. Em síntese, o que Câmara Jr. (2011 [1970]) propõe é que, para as vogais “e” e “o”, há duas possíveis realizações de cada, sendo uma aberta e outra fechada. Portanto, temos, no português brasileiro, os seguintes fonemas vocálicos: /a/, /ɛ/ (realização aberta da letra “e”), /e/ (realização fechada), /ɔ/ (realização aberta da letra “o”), /o/ (realização fechada), /i/ e /u/.

Sendo assim, a partir da análise de Câmara Jr. (2011 [1970]), as vogais do português passaram a ser entendidas como um sistema vocálico (com sete vogais) reconhecido como triangular, representado pelo diagrama da Figura 1:

Figura 1 - Representação do sistema vocálico do Português Brasileiro

Altas	/u/	/i/
Médias	/ô/	/ê/
Médias	/ò/	/è/
Baixa	/a/	
	Posteriores	Central Anteriores

Fonte: Câmara Jr. (2011 [1970], p. 41).

Consagrado por Câmara Jr. (2011 [1970]), esse sistema vocálico triangular passa a ser reconhecido e adotado por todos os estudiosos posteriores a ele.

Ainda sobre o conceito de vogais, encontramos também no português a subdivisão vogais orais e vogais nasais. De acordo com Cagliari (2007, p. 62),

se, durante a articulação de uma vogal, o véu palatino se encontrar levantado, o acesso às cavidades nasais fica bloqueado e a vogal é chamada de oral, uma vez que o fluxo de ar fonatório sai somente pela boca. Porém, se durante a articulação de uma vogal o véu palatino se encontrar abaixado, parte do fluxo de ar fonatório se desviará, passando pelas cavidades nasais e saindo pelas narinas, e parte passará pelas cavidades orais, saindo pela boca. Uma vogal produzida desse modo chama-se vogal nasalizada.

Portanto, observamos que são consideradas vogais orais aquelas em que, durante sua realização, o fluxo de ar passa totalmente pela boca, sem interferência das cavidades nasais. Enquanto que as vogais nasais, ao serem realizadas, dividem o fluxo de ar, passando uma parte pela cavidade nasal e outra pela cavidade oral.

Feita essa rápida exposição sobre o conceito de vogal, passemos ao conceito de ditongo.

1.2.2 Ditongo

O ditongo, a partir da perspectiva de Câmara Jr. (2011 [1970]), é entendido como o resultado de uma vogal modificada por outra (semivogal) na mesma sílaba. Nesse caso, de acordo com o estudioso, a semivogal (ou glide) ocupa uma posição assilábica, em que ela “em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de duas margens, como as consoantes” (CÂMARA JR., 2011 [1970]), p. 46).

Quanto à posição do glide na sílaba, há uma divergência de ideias entre estudiosos da área. Enquanto Câmara Jr. (2011 [1970]) acredita que esta ocupa uma posição assilábica, Mateus e D’Andrade (2000 apud MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 136) afirmam que

the rhymes (R) of Portuguese syllables always have a nuclear vowel and all vowels can be syllable nuclei (N). [...] Single vowels may be followed by glides at the phonetic level, thus nuclei can include falling diphthongs⁸.

Observamos que estes estudiosos defendem que todas as vogais de um ditongo decrescente ocupam o núcleo da sílaba, não considerando, então, o glide como assilábico. Massini-Cagliari (2005, p. 137), referindo-se ao português arcaico, uma vez que o *corpus* de sua pesquisa é constituído a partir dele, diz que “nos ditongos decrescentes o glide posiciona-se na coda⁹”, assim sendo, a pesquisadora se afirma de acordo com o que diz Câmara Jr. (2011 [1970]).

Costa (2006), em sua dissertação sobre o acento lexical no português arcaico, também atenta para essa divergência quanto à posição do glide na sílaba. O pesquisador aponta duas outras opiniões divergentes: por um lado, Biagioni (2002 apud COSTA, 2006, p. 79) acredita que a semivogal “figura o núcleo da sílaba, ocupando duas posições” e apresenta como um dos argumentos o fato de que não é qualquer segmento que pode ocupar a posição de coda, apenas /r/, /l/, /N/ e /S/; por outro lado, Zucarelli (2002 apud COSTA, 2006) afirma o contrário, dizendo que o glide ocupa a posição de coda na “planilha silábica”.

⁸ As rimas das sílabas portuguesas sempre têm uma vogal nuclear e todas as vogais podem ser núcleos silábicos. As vogais individuais podem ser seguidas por deslizamentos no nível fonético, assim os núcleos podem incluir ditongos decrescentes.

⁹ “Coda é o termo adotado para indicar a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal. [...] Codas podem ocorrer em final de palavra, como no exemplo *mês*, ou podem ocorrer no meio de palavra, como nos exemplos *carta*, *festa*”. (SILVA, 2011, p. 75).

Em tons mais didáticos, mas sem desconsiderar os conceitos apresentados acima, podemos dizer, então, que ditongo é a junção de uma vogal e de uma semivogal (ou glide). Isto é, no ditongo, tendo os dois segmentos ocupando a mesma sílaba, temos um dos segmentos ocupando o núcleo da sílaba (a vogal) e o outro ocupando uma posição assilábica, ou seja, não-nuclear (a semivogal ou glide) (SILVA, 2010, p. 74).

Cagliari (2007) reformula a concepção de ditongo, afirmando que a noção de ditongo tem sido definida basicamente de dois modos: um considerando a noção de silabidade e outro considerando a noção de movimento articulatorio. Para explicar esses dois modos, ele utiliza conceitos desenvolvidos por Bloomfield e Abercombrie. Para Bloomfield (1933 apud CAGLIARI, 2007, p. 66), ditongo “é a ocorrência de uma vogal precedida ou seguida de uma sonorante [w] ou [j]”, sendo sonorante sons que podem ou não ser silábicos. Já Abercombrie (1967 apud CAGLIARI, 2007, p. 66) diz que ditongo é uma vogal que muda de qualidade constantemente.

Além disso, Cagliari (2007, p. 69) considera que um ditongo caracteriza-se, foneticamente, por um movimento articulatorio e acústico diferente da articulação de uma simples sequência de vogais, havendo, nessa realização fonética, “um movimento contínuo da língua, indo de uma posição articulatória própria de uma vogal à posição articulatória própria de uma outra vogal, produzindo auditivamente um som vocálico de qualidade em constante mudança”. É a partir dessa definição que o autor consegue diferenciar o ditongo de uma simples sequência de vogais.

Com base nos princípios mencionados acima, encontramos também o que Cagliari (2007, p. 71) vai chamar de “subcategorização de ditongos”, o que significa dizer que temos dois tipos de ditongo, sendo eles denominados como crescente e decrescente. De acordo com o autor, ditongos decrescentes “são aqueles que apresentam a parte inicial do ditongo mais proeminente do que a parte final” e ditongos crescentes são “aqueles que apresentam a parte final do ditongo mais proeminente do que a parte inicial” (p. 71). Em outras palavras, ditongo decrescente corresponde à sequência de vogal + semivogal e ditongo crescente, semivogal + vogal.

Bisol (2001) subdivide os ditongos em outros dois grupos: o falso e o verdadeiro ditongo. Para a autora, o verdadeiro ditongo é invariante, uma vez que está representado na estrutura subjacente da língua por duas vogais. Já o falso, possui, na estrutura subjacente, uma única vogal, estando a semivogal em um nível mais próximo à superfície, podendo, vez ou outra, manifestar-se ou não. Bisol (2001) argumenta que os primeiros, se apagados da sílaba, alteram o significado da palavra, como em “direito-direto”, já os ditongos falsos, também

conhecidos por ditongos leves, se forem apagados, não ocorre mudança de significado, como em “peixe-peixe”.

Dessa maneira, tendo em vista as definições apresentadas até aqui, é importante lembrar que, para esta pesquisa, a definição de ditongo decrescente se faz importante por caracterizar os ditongos que aqui foram selecionados para compor o objeto de pesquisa (como já mencionado, são eles “ai”, “ei” e “ou”) e as definições de ditongo falso e verdadeiro também, uma vez que verificamos, nos dados obtidos a partir desta pesquisa, o que diz Bisol (2001) sobre eles.

1.2.3 Processos fonológicos

Processos fonológicos são as alterações sonoras ocorridas nas formas básicas dos morfemas, em início, meio ou fim de palavra (CAGLIARI, 2002; SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011). Esses processos podem ser de diversos tipos, sendo que Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 110) os organizam em quatro categorias: a) assimilação; b) estruturação silábica; c) enfraquecimento e reforço; e d) neutralização. Ressaltamos a categoria (b), que diz respeito às alterações na “distribuição das consoantes e vogais, podendo ser inseridas ou eliminadas”. Dentro dessa categoria, acreditamos que se encontra o processo fonológico que Cagliari (2002) chama de “eliminação (ou apagamento, queda, truncamento)” que integra o fenômeno fonológico aqui estudado, a monotongação, visto que consiste no apagamento da semivogal que compõe os ditongos.

Partindo do pressuposto de que processos fonológicos se relacionam com as variações da língua, nesta seção, discorreremos sobre tal relação apresentando os procedimentos necessários para se realizar uma análise de fenômenos fonológicos.

Cagliari (2002) apresenta, primeiramente, um passo a passo de como se desenvolver uma análise fonológica¹⁰. Para o autor, como essa análise baseia-se em dados fonéticos da fala, primeiramente, faz-se necessário coletar dados provenientes de transcrições fonéticas detalhadas e cuidadosas. A respeito desse conjunto de dados (*corpus*) o autor explica que, em um primeiro momento, é possível que ele seja em número reduzido, configurando um estudo piloto. Porém, para uma análise fonológica mais abrangente, haverá a necessidade de se ampliar o *corpus*.

¹⁰ Neste texto, resumimos as etapas que melhor se encaixam nesta pesquisa sociolinguística. No texto original do autor (CAGLIARI, 2002), há uma apresentação mais detalhada do processo de análise fonológica também para outros contextos.

Isto posto, após a constituição de um banco de dados mais amplo, o passo seguinte foi fazer um levantamento de todos os sons que aparecem para, então, realizar-se uma análise das possíveis implicações que os processos fonológicos provenientes do *corpus* possam apresentar. Nesse sentido, em uma pesquisa sociolinguística, como é o caso desta que desenvolvemos, esse agrupamento de dados será feito por meio de entrevistas, que nos darão, após seleção e transcrição das ocorrências, respaldo para uma análise consistente do fenômeno fonológico da monotongação, objeto de estudo desta pesquisa.

Ainda de acordo com Cagliari (2002), na análise fonológica, um aspecto importante é a formulação de regras que consigam descrever todos os processos que possam influenciar a realização de um determinado fenômeno fonológico. É por essa razão que, para se ter uma análise completa dos dados, fatores morfológicos, sociolinguísticos, pragmáticos, entre outros, também devem ser considerados. Enfim, para Cagliari (2002, p. 59) tudo o que possa influenciar de alguma forma um processo fonológico deve ser bem “definido, explicado e formalizado”.

A partir dessa ideia, de que todos os fatores que possam influenciar uma análise devem ser levados em conta, conseguimos estabelecer uma relação mais objetiva entre variação linguística e análise fonológica, visto que, para o completo entendimento de um fenômeno fonológico, o estudo de outras áreas é fundamental.

Isso nos mostra que, para entendermos melhor o fenômeno da redução (ou não) de um ditongo a uma vogal simples, na fala do morador de Uberaba – MG, precisamos permear duas áreas, a Fonologia e a Sociolinguística, já que, ao se investigar o fenômeno da monotongação, a observação de fatores como os de cunho social, histórico e regional, propostos principalmente pela teoria da variação, é recomendada para um completo entendimento desse fenômeno.

Contudo, Cagliari (2002, p. 112) ressalta o fato de que é impossível realizar uma boa análise, levando em conta todas as diferenças encontradas nos mais diversos falares de uma língua. Segundo o autor, é necessário que se limite a abrangência dos fatos para que a análise não se torne contraditória e até mesmo impossível. Isto é, na língua, há diversos fatores¹¹ que podem influenciar a ocorrência dos fenômenos fonológicos, porém, nesse tipo de análise, deve-se ater “a uma variedade por vez e, através de comparações possíveis, procurar a visão mais abrangente da língua”.

Em conclusão, acreditamos que as escolhas de fatores linguísticos e não linguísticos (que serão apresentados, mais detalhadamente, na seção de metodologia), para a realização da

¹¹ Esses fatores, como mencionado anteriormente, podem ter aspecto social, relacionados a sexo, classe social, etnia, etc.; aspecto histórico, pensando em épocas diferentes ou idades bastante diferentes, e geográficos, considerando lugares diferentes.

análise da monotongação nesta pesquisa, não são aleatórias, mas norteadas por princípios como os apresentados nesta seção.

1.2.4 Monotongação

Vimos, na subseção 1.2.2, que o encontro de uma vogal + uma semivogal caracteriza um ditongo, nesse caso, especificamente, o ditongo decrescente. Além disso, Silva, T. C. (2010, p. 73) acrescenta que o ditongo tem a característica de apresentar “mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica”.

Porém, há, também, as vogais que não apresentam mudança de qualidade e a essas chamamos monotongos. A língua portuguesa nos permite ora realizar ditongos, ora monotongos. Sendo assim, um “ditongo decrescente [ow] pode ser reduzido a [o], como em “couro” [koru]” (SILVA, 2010, p. 99). A esse fenômeno fonológico de redução do ditongo a uma vogal simples (monotongo) chamamos de monotongação.

De acordo com Câmara Jr. (2009, p. 211, grifos do autor), monotongação é:

mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo (v.) a uma vogal simples. [...] Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda realiza numa linguagem cuidadosa. Entre nós, há nesse sentido o monotongo *ou /ô/*, em qualquer caso, e *ai /a/*, *ei /ê/* diante de uma consoante chiante; *exs.: (p)ouca* como *(b)oca*, *(c)aixa* como *acha*, *(d)eixa* como *fecha*.

O autor reforça o caráter puramente fonético do fenômeno da monotongação ao afirmar que, na escrita, ele permanece. Dessa forma, observamos, então, que a monotongação é um fenômeno característico da fala. Isto é, esse fenômeno “faz parte das características das variantes da língua portuguesa, variantes provenientes das diversidades culturais que cada agrupamento humano desenvolve” (SANTOS; CHAVES, 2010, p. 103).

1.2.5 Monotongação dos ditongos orais decrescentes: alguns estudos já realizados no Brasil

Nesta subseção, apresentamos alguns estudos que descreveram a monotongação dos ditongos orais decrescentes em algumas regiões do Brasil. Percebemos que a semivogal em ditongos pode desaparecer em muitas variedades do português brasileiro. Por isso, com o

objetivo de contribuir para a análise dos resultados obtidos em Uberaba – MG, fizemos uma breve descrição de cinco estudos variacionistas que tratam desse fenômeno.

Santos e Chaves (2010) realizaram um breve estudo dos ditongos /ej/ e /ow/, na região de Plácido de Castro, no Acre. Os contextos linguísticos mais relevantes para esse estudo foram o contexto fonológico seguinte e a extensão da palavra, concluindo que o contexto de palavra “polissílaba” foi, de acordo com as pesquisadoras, o que mais favoreceu a monotongação.

Quanto ao *modo de articulação da consoante seguinte*, em /ej/ mostraram-se relevantes o tepe alveolar (com 69% das ocorrências de apagamento da semivogal) e a fricativa (com 63% dos casos de apagamento). Da mesma forma, em /ow/ o fator tepe mostrou-se o mais determinante na realização do apagamento da semivogal, configurando 80% dos casos. Ficando em segundo e terceiro lugares, as oclusivas e fricativas (63% e 48%, respectivamente). Portanto, para esse estudo realizado no Acre, os resultados, tanto relativos a /ej/ quanto a /ow/, confirmam o tepe como o fator mais favorável ao processo de monotongação.

Além disso, nesse estudo, concluiu-se que fatores linguísticos são os que mais interferem nesse processo, sendo as variáveis sociais indiferentes para a análise desse fenômeno.

Cristofolini (2011) realizou um estudo sobre o ditongo /ow/ na região de Florianópolis e o resultado foi categórico: em 93% dos dados eles foram monotongados. Quanto às variáveis linguísticas e extralinguísticas, apenas a tonicidade se mostrou relevante na análise, indicando o contexto tônico como o mais favorecedor da monotongação do /ow/. De acordo com dados apresentados na pesquisa, 90% dos casos em que a sílaba tônica coincidia com a realização do ditongo foram monotongados. Mais uma vez, fatores sociais não foram relevantes para a realização da monotongação.

Aragão (2000) descreveu o fenômeno da monotongação na cidade de Fortaleza (CE), resultante do projeto “Dialeto Sociais Cearenses”. Os dados do *corpus* apresentaram os seguintes fatores como favorecedores para a monotongação: contexto posterior e extensão da palavra. Os dados da pesquisa apontaram como facilitadores do apagamento os fonemas consonantais /f/, /z/ e /r/, fricativas alveopalatais e tepe, respectivamente. Quanto ao fator extensão da palavra, o estudo apontou que quanto maior o número de sílabas, maior a probabilidade da monotongação ocorrer. Assim, outra vez, o contexto polissílaba é ressaltado. Por último, novamente, fatores extralinguísticos são marcados como não relevantes para o estudo do apagamento dos glides nos ditongos decrescentes.

Pereira (2004) analisou os ditongos /aj/, /ej/, /ow/, na fala dos moradores de Tubarão (SC). A estudiosa utilizou um *corpus* bastante variado, porém, levaremos em consideração

apenas os resultados obtidos a partir de entrevistas orais realizadas com esses moradores. Resumindo os resultados da autora, mais uma vez, o contexto posterior (tepe e fricativas alveopalatal) foi o de maior relevância para a realização da redução do ditongo; e, quanto aos fatores sociais, escolaridade e sexo foram os mais relevantes para esse estudo.

Toledo (2011) analisou o comportamento variável do ditongo /ej/, na cidade de Porto Alegre (RS). Nesse estudo, o contexto seguinte (tepe e fricativa palatal) foi constatado como o fator linguístico que mais influenciou a monotongação de /ej/. Os resultados apresentados retratam o tepe como o fator que mais influencia a aplicação da regra variável da monotongação (contabilizando 96% dos casos de ocorrências com tepe) e a fricativa, como a segunda mais influenciável, com 51% dos casos em que o contexto seguinte era ocupado por uma consoante fricativa. Os fatores sociais, mais uma vez, não foram considerados relevantes, uma vez que, segundo o autor, não há consenso entre os estudos variacionistas quanto à influência desses fatores no fenômeno em questão.

Criamos o Quadro 1, de caráter comparativo, para melhor visualizarmos os fatores linguísticos e sociais que mais foram relevantes para a regra de redução do ditongo:

Quadro 1 - Fatores que favorecem a monotongação em estudos variacionistas realizados pelo Brasil

	Santos e Chaves (2010)	Cristofolini (2011)	Aragão (2000)	Pereira (2004)	Toledo (2011)
Fatores Linguísticos	Contexto seguinte (tepe) Extensão da palavra (polissílaba)	Tonicidade (sílabas tônicas)	Contexto seguinte (tepe e fricativas alveopalatais) Extensão da palavra (polissílaba)	Contexto seguinte (Tepe e palatal)	Contexto seguinte (Tepe e fricativa palatal)
Fatores extralinguísticos (sociais)	-	-	-	Escolaridade Sexo	-

Conforme observamos no quadro acima, há uma semelhança entre alguns dos resultados obtidos pelas diferentes pesquisas apresentadas. Entre os fatores linguísticos, destacamos o contexto fonológico seguinte (como tepe, palatal e fricativa palatal) que, repetidamente, apareceu como relevante nos estudos analisados. E, em relação aos fatores extralinguísticos (sociais), destacamos a irrelevância deles na maioria das pesquisas, exceto pelo fator escolaridade que, uma única vez, foi marcado como relevante. Pretendemos, em nosso estudo,

levar em consideração todas essas observações, a fim de colaborarmos com as análises dos dados obtidos através das entrevistas com uberabenses.

2 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Seguimos o modelo teórico da sociolinguística quantitativa, que melhor será explicado a seguir.

2.1 Metodologia sociolinguística

A metodologia do modelo teórico da sociolinguística quantitativa (Cf. LABOV, 2008 [1972]) é composta de vários estágios, dentre os quais se destacam:

- (i) Seleção de informantes;
- (ii) Identificação das variáveis linguísticas e suas variantes;
- (iii) Processamento dos números, visto que se trata de uma análise estatística;
- (iv) Interpretação dos resultados, analisando os possíveis fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre outra.

Dentro desse quadro metodológico, todas as hipóteses formuladas devem ser verificadas com exatidão e é necessário também realizar um recorte correto da comunidade a ser estudada. Por isso, pode-se dizer que a seleção de informantes abrange questões de extrema importância na sociolinguística. Além disso, por se tratar de um estudo com a língua falada, os dados devem ser coletados em situações naturais de conversação, evitando-se, ao máximo, a interferência do pesquisador.

Portanto, seguindo esse modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa, faz-se necessário o levantamento de um *corpus* de língua falada, que represente, adequadamente, a comunidade urbana de Uberaba.

2.2 Informantes e a região urbana de Uberaba

Como já mencionado, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas feitas com moradores da região urbana da cidade de Uberaba-MG. Primeiramente, apresentaremos características dessa cidade que nos fizeram escolhê-la como campo de pesquisa e, logo em seguida, descreveremos como foi feita a escolha desses informantes.

2.2.1 A cidade de Uberaba

A cidade de Uberaba é considerada uma cidade de médio porte e está localizada no Triângulo Mineiro¹². De acordo com informações extraídas do site da prefeitura, na rota de várias expedições comerciais na época da colonização, Uberaba sempre possuiu uma importância significativa por estar em uma localização privilegiada, já que está equidistante 500 km dos principais centros consumidores, como São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, entre outros.

Hoje, com uma população estimada em aproximadamente 300 mil pessoas, a cidade possui um respeitável polo universitário, abrigando uma universidade e um instituto federal (Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM e Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM, respectivamente) e várias outras particulares (como Universidade de Uberaba – Uniube, Faculdade de Talentos Humanos – Facthus, Universidade Presidente Antônio Carlos – Unipac, etc.), e é sede da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), destacando-se, também, na área de pecuária. Além disso, Uberaba é conhecida nacionalmente por sua religiosidade espírita, afinal foi nessa cidade que viveu um dos mais famosos médiuns, Chico Xavier. Apresentamos, na Figura 2, um mapa de localização do município:

Figura 2 - Mapa de localização do município de Uberaba



Fonte: Photobucket (2017)

¹² A região do Triângulo Mineiro é uma das dez regiões de planejamento do estado de Minas Gerais, situado no sudeste do Brasil. Uberaba está entre uma das principais cidades do Triângulo, juntamente com Uberlândia, Araguari, Patos de Minas, Araxá, Ituiutaba e Patrocínio.

Dessa forma, além de termos considerado o fato de Uberaba ser uma cidade social e economicamente importante, sua escolha também se deve ao fato de, nesta região, existirem poucas pesquisas que exploram dados sociolinguísticos. Apesar de mencionarmos anteriormente seu potencial universitário, as pesquisas nesta área ainda são em pequeno número dando-nos mais abertura para desenvolvermos este trabalho.

2.2.2 Amostra de informantes

A escolha dos informantes levou em consideração os seguintes requisitos:

- (i) ter nascido em Uberaba ou se mudado para a cidade até os cinco anos de idade;
- (ii) não ter se ausentado de Uberaba por mais de dois anos;
- (iii) morar na região urbana da cidade ou ter saído da zona rural com até cinco anos de idade¹³.

Tais requisitos são importantes, pois um dos objetivos desta pesquisa é caracterizar o português mineiro da cidade de Uberaba-MG. Portanto, pede-se que o falante tenha adquirido sua língua nessa cidade, não tendo sofrido, durante sua vida, grandes influências de outras regiões que possam ter influenciado seu dialeto.

Foram entrevistados 24 informantes¹⁴ de escolarização e sexo diferentes, pois as diferenças sociais podem interferir no uso de certas palavras, como destaca Bisol (2001, p. 27): “[...] padrões sociais e linguísticos interagem de tal forma que a correlação entre eles pode apontar a significação linguística de uma variável”.

Os informantes encontram-se estratificados de maneira equitativa entre as variáveis sociais de sexo (masculino e feminino), nível de escolarização e faixa etária. Para alcançar nossos objetivos, tomamos por base a seleção de informantes por amostragem **aleatória**, que significa, dentro da Teoria Variacionista, que cada membro da comunidade de interesse tem a mesma chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa. Esse procedimento oferece a possibilidade de que os resultados obtidos para esse pequeno número de membros possam ser

¹³ Vale ressaltar que, em pesquisas sociolinguísticas, acredita-se que uma pessoa ainda está em processo de aquisição da linguagem até os cinco anos de idade. Após essa idade, o indivíduo já se caracteriza como falante de determinada variedade de língua materna. Por isso a necessidade de que o informante desta pesquisa tivesse nascido, ou se mudado até os cinco anos de idade, na cidade de Uberaba - MG, para que a variedade do português uberabense fosse efetivamente descrita, sem influência de outras variedades.

¹⁴ Este projeto foi inserido na Plataforma Brasil e possui aprovação no Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos.

projetados à comunidade de fala como um todo, indicando algumas tendências do falar dessa comunidade. Segundo Labov (2008 [1972], p. 238), a variação “não exige a análise estatística de centenas de registros de falantes [...] apenas uma amostra já é capaz de mostrar padrões extremamente regulares”.

Cabe mencionar que foi explicada aos informantes a finalidade desta pesquisa apenas após a coleta de dados, a fim de que o informante não tivesse conhecimento do objeto estudado antes da realização da coleta, evitando, assim, que ele policiasse sua fala. Após a autorização, cada informante assinou o termo de esclarecimento e consentimento livre (Cf. Anexo II), permitindo a utilização do áudio para coleta de dados; os informantes menores de 18 anos foram autorizados pelos seus representantes legais.

É importante ressaltar que, se os informantes são selecionados aleatoriamente, entretanto, os recortes (a escolha do fenômeno analisado, por exemplo) e a escolha dos fatores extralinguísticos não o são. Tais fatores são controlados. A variável linguística é entendida como um elemento variável interno ao sistema e controlada por uma única regra. Já a variável extralinguística é entendida como fatores externos à língua que a podem influenciar na ocorrência do fenômeno estudado.

Na Teoria Variacionista, geralmente são selecionados informantes dos sexos masculino e feminino, de diferentes graus de escolaridade e de idade, como é o caso desta pesquisa. Lembrando que tais requisitos são especificados de acordo com os objetivos de cada pesquisa, a fim de observar o movimento da mudança entre as diferentes gerações.

Assim, com base nesses pressupostos, os nossos informantes foram distribuídos como mostra o Quadro 2, havendo uma distribuição proporcional de 01 (uma) entrevista de cada sexo pelas três faixas etárias:

Quadro 2 - Grupo de informantes

ESCOLARIZAÇÃO	FAIXA ETÁRIA		
	15 a 29	30 a 49	Acima de 50
Ensino Fundamental Completo	2	2	2
Ensino Médio Completo	2	2	2
Ensino Superior Incompleto	2	2	2
Ensino Superior Completo.	2	2	2
TOTAL	24 informantes		

Tendo em vista as limitações que cada perfil acarreta, a coleta dos dados nos exigiu um pouco mais de tempo do que o previsto, devido à dificuldade de se encontrar pessoas que se

encaixavam exatamente em todas as exigências. Principalmente, na de ter nascido ou ter se mudado para Uberaba até cinco anos de idade. Uberaba recebe um grande número de pessoas vindas de cidades menores vizinhas, a maioria à procura de melhores oportunidades de emprego e, conseqüentemente, de vida, portanto, chegam a esta cidade com uma idade bem acima da máxima estipulada por pesquisas Sociolinguísticas. Acredita-se que o falante até os cinco anos de idade ainda esteja em processo de aquisição da linguagem, após isso, ele já a adquiriu e, portanto, já se encaixou em determinada variedade da língua, por isso a necessidade de se exigir que tenha vindo para Uberaba antes que esse processo tenha ocorrido, uma vez que nosso propósito é caracterizar o falar mineiro da cidade de Uberaba, e não de outras regiões.

2.3 Instrumentos metodológicos

Labov (2008 [1972], p. 63) postula, após desenvolver uma pesquisa com os falares de falantes nativos do inglês, que “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual falada”. Dessa forma, para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas que seguiram um roteiro (Cf. Anexo I), que buscou motivar as pessoas a falarem sem que houvesse preocupação com a fala em si, ou seja, buscamos situações de falas espontâneas, o que é fundamental para a pesquisa, visto que, ao não monitorar sua fala, o falante fica mais à vontade e não se preocupa em dizer algo de acordo com a norma padrão. Ainda segundo Labov (2008 [1972], p. 239), “o modo de operação ideal é o linguista se engajar numa conversa normal com o informante e ser capaz de elicitá-lo o uso natural de dada forma sem usá-la ele mesmo”.

2.4 Procedimentos para análise e grupos de fatores

Depois de gravadas, e de posse desse material, as entrevistas foram transcritas ortograficamente e, posteriormente, foram selecionadas as ocorrências de palavras com ditongo decrescente e com a monotongação do ditongo decrescente. Depois dessa etapa, os dados coletados foram transcritos foneticamente, com base no Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Apresentamos a seguir um quadro descritivo da duração de cada entrevista realizada, a fim de melhor visualizarmos o total de horas que foram gravadas e transcritas nesta pesquisa.

Quadro 3 – Duração das entrevistas

Duração das entrevistas			
Informante 1	11'27''	Informante 13	38'38''
Informante 2	21'02''	Informante 14	23'05''
Informante 3	26'24''	Informante 15	27'19''
Informante 4	25'16''	Informante 16	47'04''
Informante 5	23'	Informante 17	51'53''
Informante 6	49'02''	Informante 18	36'
Informante 7	20'28''	Informante 19	36'47''
Informante 8	28'07''	Informante 20	30'51''
Informante 9	28'18''	Informante 21	17'06''
Informante 10	18'02''	Informante 22	20'
Informante 11	13'59''	Informante 23	20'07''
Informante 12	24'10''	Informante 24	19'38''
TOTAL DE HORAS		10h 37min 47s	

As ocorrências foram quantitativamente analisadas, com auxílio do programa Goldvarb X (do qual falaremos na seção seguinte), levando em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos e a variável dependente monotongação ou não dos ditongos decrescentes. Os demais grupos de fatores serão descritos a seguir:

- **Sexo:** Analisaremos as falas tanto de pessoas do sexo masculino quanto feminino. Esse fator busca verificar se o fenômeno da monotongação é mais frequente em homens ou em mulheres. Segundo Hora e Ribeiro (2006, p. 218), em estudo na cidade de João Pessoa – PB, “falantes do sexo feminino tendem a utilizar mais a variante padrão, ou de prestígio social, do que aqueles do sexo masculino”. Em se tratando dos dados desses autores, eles observaram que

alunos do sexo masculino monotongam mais do que os do sexo feminino [...] Os valores obtidos mostram que, tanto para o sexo feminino quanto para o masculino, o ditongo [ow], com percentuais de 21,87% e 57,14%, é o mais produtivo com relação à monotongação, enquanto que o ditongo [aj], com percentuais de 4,68% e 20,31%, é o maior inibidor do fenômeno. (HORA; RIBEIRO, 2006, p. 219)

- **Faixa Etária:** Analisaremos as seguintes categorias para a faixa etária: a) 15 a 29 anos; b) 30 a 49 anos; e c) acima de 50 anos. Acreditamos que essa divisão contempla três (3) das principais fases da vida: adolescência, idade adulta e velhice, assim poderemos analisar se a maturidade, ou a falta dela, é um fator influenciador da monotongação ou não.

- **Escolaridade:** Observaremos: a) ensino fundamental completo; b) ensino médio completo; c) ensino superior completo; e d) ensino superior incompleto. Assim, tentaremos verificar, por meio desse fator, se a maior ou menor escolaridade, associada à idade, pode influenciar a rentabilidade das formas monotongadas.

- **Contexto fonológico seguinte:** na análise fonológica, o contexto (ou ambiente) em que um segmento se encontra pode influenciar a sua pronúncia ou favorecer uma alteração fonológica ou morfológica (Cf. CAGLIARI, 2002). Assim, o ambiente fonológico em que ocorre o ditongo ou a monotongação é estudado, levando-se em consideração o modo de articulação dos fonemas que sucedem o fenômeno.

- **Tonicidade:** analisamos se há alguma relação entre a ocorrência do processo de monotongação e a sua posição em relação à sílaba tônica das palavras.

- **Extensão da palavra:** analisamos se existe relação entre o número de sílabas da palavra e a realização do apagamento do glide dos ditongos orais decrescentes. Visto que nos estudos de Santos e Chaves (2010) e de Aragão (2000), o contexto polissílabo foi significativa na aplicação da regra variável da monotongação.

A fase final da análise dos dados consiste da interpretação qualitativa dos resultados numéricos, definindo a importância das variáveis por meio da frequência com que ocorrem e quais fatores linguísticos e extralinguísticos são condicionantes para a realização da monotongação de ditongos decrescentes.

2.4.1 Goldvarb X

Faz-se necessária uma apresentação do programa Goldvarb X, utilizado nesta pesquisa, a fim de melhor entendermos como são obtidos os resultados por meio desse programa.

O Goldvarb X é um pacote estatístico desenvolvido especificamente para organizar dados de variação sociolinguística. Nele realizam-se análises de natureza “multivariada” e também “univariada”. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105),

se chama “multivariada” porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente.

Portanto, a investigação realizada pelo programa nos permite medir os efeitos e a significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência da variável dependente. Nas análises univariadas, o pacote fornece cálculos de frequência, percentuais e pesos relativos associados a cada fator das variáveis independentes em relação à aplicação da regra, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de uma das variantes.

Nas análises multivariadas, os grupos de fatores são indicados pelo programa por ordem de relevância, ou seja, o programa seleciona aqueles que mais são relevantes na ocorrência do fenômeno analisado. E, por meio da apresentação dos pesos relativos, é indicado o efeito que cada um desses fatores tem sobre as variantes da variável dependente. Esse peso relativo é obtido em valores de 0 a 1. Segundo Coelho et al. (2015, p. 126, grifos do autor),

quanto mais próximo de 1, maior o peso relativo do fator, isto é, maior o efeito dele sobre a variante escolhida como aplicação da regra; quanto mais próximo de 0, menor o peso relativo, ou seja, menor a força de atuação desse fator na escolha daquela variante; próximo ao valor de 0,5 temos o *ponto neutro* – pesos relativos próximos a esse valor indicam que os respectivos fatores exercem pouco efeito sobre a aplicação da regra variável.

Daí a necessidade de se codificar as ocorrências, pois é a partir da contabilização dos códigos que o programa consegue indicar os percentuais e os pesos relativos. Após a codificação das variantes e dos fatores de cada uma das variáveis independentes conseguimos organizar os dados para que sejam rodados no Goldvarb X e, então, obter os resultados pretendidos da maneira que foi descrita.

Portanto, os resultados da análise obtidos através do Goldvarb X são dados que ajudam o pesquisador analisá-los quantitativa e qualitativamente. Desse modo, se um grupo de fator é apontado como significativo pelo programa, significa que ele está influenciando diretamente a realização da variável dependente. Caso o contrário aconteça, um grupo de fator for apontado como menos significativo, quer dizer que aquele grupo pouco (ou até mesmo nada) influi sobre o fenômeno analisado.

2.4.2 Variáveis analisadas

A seguir apresentamos, nos Quadros 3, 4 e 5, as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para este estudo.

Quadro 4 - Variável dependente

Variante	Exemplo
Monotongação /a/, /e/, /o/	dinhero
Manutenção do ditongo /aj/, /ej/, /ow/	dinheiro

Quadro 5 - Variáveis linguísticas

Contexto fonológico seguinte	Exemplo
Tepe	dinheiro /di'nhejru/
Fricativa	queijo /'kejʒu/
Oclusiva	direito /di'rejtu/
Vogal	maioria /majo'ria/
Nasal	treinar /trej'naR/
Vazio	sei /'sej/
Tonicidade	Exemplo
Tônica	dinheiro /di'nhejru/
Átona	Treinar /trej'naR/
Número de sílabas	Exemplo
Monossílaba	seis /'sejs/
Dissílaba	pouco /'pow.ku/
Trissílaba	primeiro /pri.'mej.ru/
Polissílaba	apaixonada /a.paj,fo. 'na.da/

Quadro 6 - Variáveis extralinguísticas

Sexo
Feminino
Masculino
Faixa etária
15 a 29 anos
30 a 49 anos
Acima de 50 anos
Escolaridade
Ensino fundamental completo
Ensino médio completo
Ensino superior completo
Ensino superior incompleto

Por fim, nesta seção, apresentamos nossos procedimentos metodológicos, descrevemos como constituímos nosso *corpus*, ressaltando os princípios teóricos que sustentam a análise variacionista proposta nesta pesquisa. Além disso, também especificamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas que constituem nosso estudo, explicando cada uma delas.

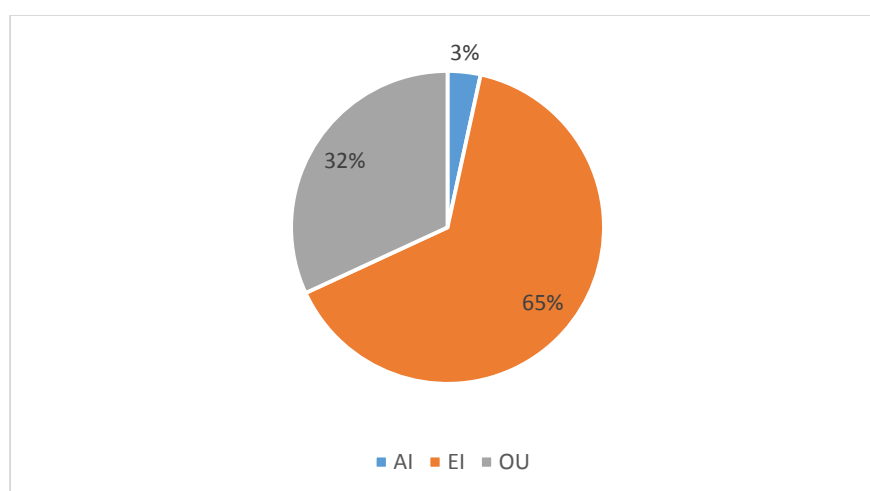
A seguir, apresentamos e discutimos os resultados obtidos a partir da análise /do fenômeno da monotongação dos ditongos decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/ na fala dos moradores de Uberaba – MG.

3 Apresentação e discussão dos resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados de nossa análise sobre a regra variável da monotongação dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na fala dos moradores de Uberaba, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas, como foi descrito na seção de metodologia.

O *corpus* levantado apresentou 1204 ocorrências de ditongos orais decrescentes, das quais apenas 41 foram palavras formadas com o ditongo /aj/, 779, com o ditongo /ej/ e 384 palavras com /ow/. Podemos visualizar melhor os percentuais de ocorrência com o Gráfico 1:

Gráfico 1 - Ocorrências de palavras com ditongos no *corpus*



Todas as ocorrências foram encontradas após a análise das transcrições das 24 entrevistas, e foram devidamente codificadas. Vale ressaltar que foram excluídos das análises os verbos com terminação em “ei” e “ou”, como *comprei, falei, comprou, falou*. Nos verbos cuja terminação “ei” indica desinência verbal, não é comum acontecer a monotongação e, caso ocorra, haverá mudança de significado (*falei – fale*), o que não configura variação. Já com os verbos de terminação “ou”, observamos o contrário (*falou – falô*), nesse caso, a monotongação do “ou” se torna regra categórica, que pressupõe que ela ocorre sempre. Portanto, esse tipo de ocorrência foi excluído da nossa análise a fim de não nos desviarmos do nosso propósito.

Para observar quantitativamente as variáveis selecionadas, os dados foram submetidos à análise do programa Goldvarb X, cujo tratamento estatístico dos dados nos permitiu entender quais grupos de fatores são responsáveis pela prática de uma variante e quais não demonstram qualquer relação na aplicação de tal fenômeno.

Os valores de frequência, encontrados por meio da análise univariada¹⁵, são apresentados, bem como os valores indicadores de peso relativo, obtidos através de uma análise multivariada que o programa realiza e que permite “investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes” (BIAZOLLI; BERLINCK, 2017, p. 6). Esta investigação nos fornece informações sobre o nível de significância de cada variável independente que age sobre a ocorrência das variáveis dependentes. Assim, numa escala que mede de 0 a 1, interpreta-se que, quando um peso é próximo de 1, ele favorece a aplicação da regra, ou seja, nesta pesquisa, a variável que obtiver o peso próximo de 1 favorecerá a ocorrência da monotongação. Por outro lado, quando este peso for próximo de 0, interpretamos como algo que desfavorece a aplicação da regra de apagamento da semivogal no ditongo oral decrescente.

Para a interpretação qualitativa dos dados, desenvolvida também a partir dos resultados levantados pelo programa estatístico aqui utilizado, tomamos por base a revisão de trabalhos já desenvolvidos no Brasil com a monotongação dos ditongos orais decrescentes, apresentada na subseção 1.2.5. Foi a partir dessa revisão que conseguimos apresentar uma interpretação que melhor esclareça a aplicação ou não desse fenômeno na fala uberabense.

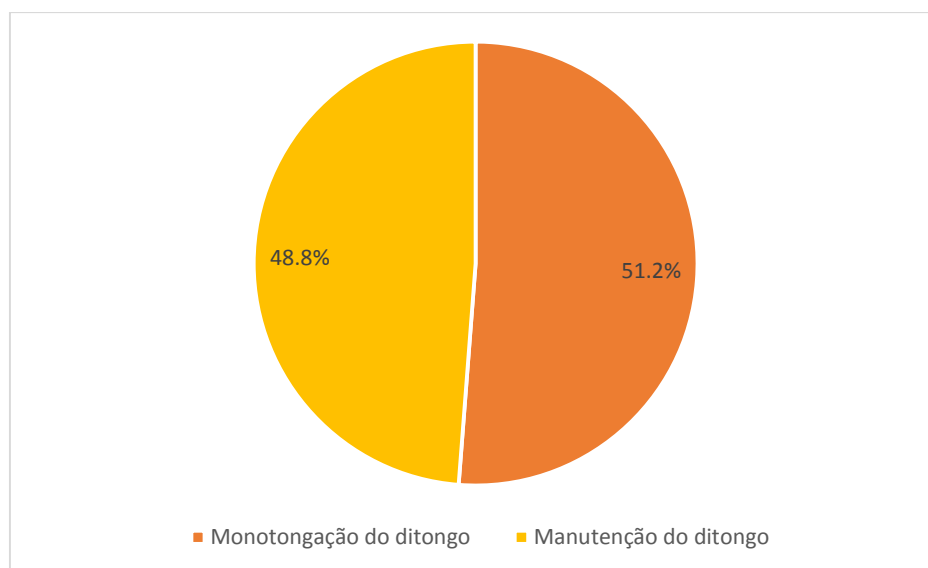
Por fim, com a finalidade de facilitar a interpretação dos dados, apresentamos os resultados de cada um dos ditongos, analisados separadamente, seguindo a ordem: /aj/, /ej/, /ow/.

3.1 Apresentação e análise dos dados relativos ao ditongo /aj/

Ao coletar os dados provenientes das entrevistas realizadas com os moradores da cidade de Uberaba, obtivemos 41 palavras com ditongo /aj/ na fala desses moradores. Destas, 20 apresentaram-se na forma ditongada e 21 na forma monotongada. O Gráfico 2 ilustra a frequência da monotongação:

¹⁵ De acordo com Guy e Zilles (2007), as análises univariadas dizem respeito aos testes de efeito de uma variável independente sobre uma variável dependente. Isso quer dizer que, ao realizar uma análise univariada, o programa Goldvarb X apresenta a percentagem de aplicação de cada variante da variável dependente para cada um dos fatores foram selecionados para compor o grupo das variáveis independentes.

Gráfico 2 - Frequência da monotongação de /aj/ na fala do Uberabense



Como podemos observar, não há uma diferença significativa entre as duas formas de realização do ditongo /aj/: temos 51.2% das ocorrências indicando a monotongação de /aj/, e 48.8% indicando a manutenção desse ditongo. Acreditamos que isso aconteceu devido ao baixo número de ocorrências de tais palavras, uma vez que, em relação ao número total de ocorrências (1.204), 41 é um número bem pequeno, representando apenas 3,4% do total do *corpus*.

Em uma primeira rodada, realizada com os dados de /aj/, o programa Goldvarb X apontou alguns resultados interessantes. Para o grupo contexto fonológico seguinte, foram constatadas apenas realizações de fricativas, oclusivas e vogais. Diante das oclusivas e das vogais, o programa apontou uma realização de 100% da forma ditongada, ou seja, o falante opta pela manutenção do ditongo em palavras em que os ditongos são seguidos de vogais ou de consoantes oclusivas, como em *maioria* e *caipira*, por exemplo, respectivamente. Já diante de consoantes fricativas, a preferência é pela forma monotongada. Observemos a distribuição desses resultados na Tabela 1:

Tabela 1 - Resultados do grupo de fator “contexto fonológico seguinte” para /aj/

Contexto fonológico seguinte	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Fricativas (f)	21 (70%)	9 (30%)	30 (73.2%)
Vogais (v)	0 (0%)	5 (100%)	5 (12.2%)
Oclusivas (o)	0 (0%)	6 (100%)	6 (14.6%)
TOTAL	21 (51.2%)	20 (48.8%)	41 (100%)

A partir dos dados apresentados pela Tabela 1, observamos que predominou entre as ocorrências de /aj/ o contexto fonológico seguinte “fricativas”. Das 41 ocorrências encontradas, 30 são seguidas de fricativas, totalizando 73.2% do total de ocorrências. Além disso, observamos que, dentro desse total de 30 (73.2%) ocorrências, 21 delas, ou seja 70%, foram realizadas na forma monotongada de /aj/. Portanto, verificamos que o contexto fonológico seguinte “fricativas” se mostrou nessa análise como o fator mais favorável ao processo de monotongação. As frases abaixo trazem exemplos reais do *corpus* coletado nesta pesquisa em que o contexto fonológico seguinte é preenchido por uma consoante fricativa.

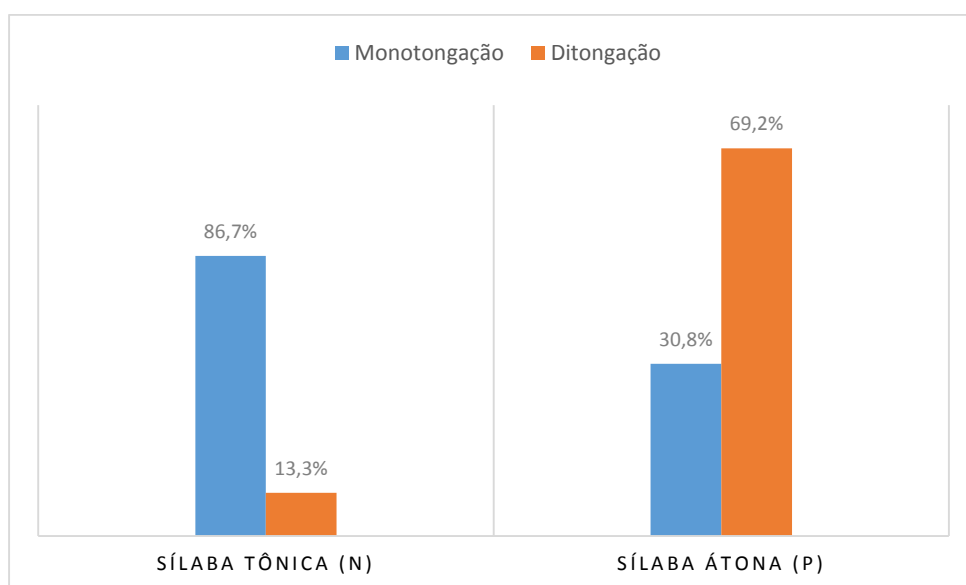
- (1) “[...] por trabalhar hoje com crianças principalmente nessa faxa [**‘fa.ʃe**] etária [...]” – **I1 (Informante 1)**
- (2) “[...] acaba que a pessoa é mais baixa [**‘ba.ʃe**] renda [...]” – **I4 (Informante 4)**
- (3) “[...] agora minha escola de paixão [**pa.ʃãʊ**] sempre foi o Frei Eugênio [...]” – **I7 (Informante 7)**

Em virtude da identificação de *knockout*, nome dado aos resultados que identificam uma regra categórica (realização de 100%) para determinado contexto, esse grupo de fator foi eliminado da rodada seguinte, visto que, quando retirados os contextos “oclusiva” e “vogal”, o contexto fonológico subsequente não indicaria variação, por restar apenas a realização de fricativas. Portanto, em uma nova rodada feita pelo Goldvarb X, o fator “contexto fonológico seguinte” foi excluído.

Após a exclusão desse grupo, em uma nova rodada, o programa selecionou como mais significantes os grupos tonicidade e número de sílabas e como os menos significantes todos os fatores sociais: sexo, escolaridade e faixa etária. Dessa forma, concluímos que, para o ditongo /aj/, os grupos relacionados à intensidade e extensão da palavra influem diretamente na realização da monotongação.

De acordo com os dados apresentados pelo programa, quanto à tonicidade, quando a realização do ditongo coincide com a sílaba tônica, há a preferência pela forma monotongada em 86,7% dos casos (em um total de 15 ocorrências, 13 coincidiram com a tônica); e, quando coincide com a sílaba átona, ocorre o contrário, a preferência é pela forma ditongada em 69,2% dos casos (aqui, em um total de 26 ocorrências, 18 optaram pela manutenção do ditongo). Vejamos o Gráfico 3:

Gráfico 3 - Resultados do grupo de fator tonicidade para /aj/



Portanto, os resultados obtidos nesta pesquisa para tonicidade, em relação à /aj/, contraria a hipótese de Ribeiro (1990, p. 64) de que “às semivogais com traço [+ acento] estariam associadas menores probabilidades de supressão devido a maior energia expiratória presente nas sílabas tônicas”.

Acreditávamos que a supressão, nas sílabas tônicas, seria menos favorecida por esta ser a parte da palavra que mais “exige” esforço expiratório do falante, e por isso a realização da semivogal seria o mais comum. Contudo, o que verificamos foi o contrário. Até mesmo os pesos relativos indicam o fator sílaba tônica como o mais significativo na realização da monotongação, apresentando um valor de 0.90 para o grupo n (sílabas tônicas) e 0.21 para o grupo p (sílabas átonas). Dessa forma, para esta pesquisa, o ambiente tônico exerceu maior influência do que o átono para a realização da monotongação do ditongo /aj/. Podemos concluir, então, que, como já aponta Toledo (2011) em sua pesquisa, essa variável tem apresentado comportamentos diversos em diferentes estudos.

Vejamos os exemplos de (4) a (7).

- (4) “[...] por trabalhar hoje com crianças principalmente nessa faixa [**fa. fɐ**] etária [...]”
- **Informante 1**
- (5) “[...] acaba que a pessoa é de mais baixa [**ba. fɐ**] renda [...]” - **Informante 4**
- (6) “[...] é que acaba que conversa precisa de uma ajuda a maioria [**maɪ.o.ʹri.ɐ**] das pessoas ajudam [...]” – **Informante 9**
- (7) “[...] tutu um frango caipira [**kaɪ.ʹpi.rɐ**] aquele assim com caldo be:::m bem consistente [...]” – **Informante 13**

Ao observarmos os exemplos relativos ao fator tonicidade, percebemos que nos dois contextos analisados, tônicos e átonos, há uma forte relação com o grupo contexto fonológico seguinte. Os trechos (4) e (5) exemplificam contextos em que o ditongo coincide com a sílaba tônica e, portanto, apresenta monotongação. Ainda considerando esses exemplos, verificamos que o contexto fonológico seguinte é uma consoante fricativa, contexto este que totalizou 70% das ocorrências de monotongação do *corpus*. Sendo assim, podemos inferir que o fato de os dados para o fator sílaba tônica ter indicado uma preferência pela monotongação está diretamente relacionado ao fato de que sempre após essas ocorrências o contexto fonológico seguinte era caracterizado por fricativas (utilizamos o advérbio sempre pois das 13 ocorrências com a monotongação preenchendo a sílaba tônica, 13 (ou seja, 100%) possuíam fricativas subsequentes ao monotongo).

Nos trechos (6) e (7), em que verificamos a permanência do ditongo em sílabas átonas, também podemos verificar uma forte relação com o contexto fonológico seguinte. Em (6) temos a realização de uma vogal e em (7) de uma consoante oclusiva, subsequentes ao ditongo. Anteriormente, já havíamos constatado que diante de vogais e oclusivas há uma preferência de 100% pela forma ditongada, por isso, podemos depreender dessa análise que o fato de nossos resultados terem indicado preferência pela forma ditongada em 69,2% dos casos para o fator sílaba átona está também diretamente relacionado com o contexto fonológico seguinte.

Em relação ao grupo linguístico “número de sílabas”, verificamos que dois fatores foram destacados como os mais relevantes: as palavras dissílabas e as polissílabas, com pesos 0.71 e 0.72, nesta ordem (o peso para trissílabas foi 0.18, evidenciando que tal categoria desfavorece a realização do fenômeno, ao contrário das outras). Pesquisas, como a de Aragão (2000), já evidenciaram que, quanto maior o número de sílabas na palavra, maior é a probabilidade da monotongação ocorrer, o que está de acordo com o resultado aqui obtido. Além disso,

observamos que as palavras dissílabas que apareceram no *corpus* estavam sempre acompanhadas do contexto fonológico seguinte “fricativa”, como em *baixa, faixa, caixa*, sendo assim, acreditamos que esse fator também se mostrou relevante pela influência desse contexto posterior que, como apresentado anteriormente, foi o mais significativo na realização das formas monotongadas. Observemos a Tabela 2 com a relação dos resultados e, logo em seguida, exemplos reais do *corpus* analisado:

Tabela 2 - Resultados do grupo de fator “extensão da palavra” para /aj/

Extensão da palavra	Monotongação do ditongo /aj/	Manutenção do ditongo /aj/	TOTAL
Dissílabas (2)	10 (83.3%)	2 (16.7%)	12 (29.3%)
Trissílabas (3)	5 (31.2%)	11 (68.8%)	16 (39%)
Polissílabas (4)	6 (46.2%)	7 (53.8%)	13 (31.7%)

- (8) “[...] não me arrependi eu so completamente apaxonada [a.pa.fo.’na.dɛ] pelo que o direito [...]” – **Informante 7**
- (9) “[...] mas porque eu tava mexeno com caxa [ka. fɛ] escolar [...]” – **Informante 8**
- (10) “[...] fiz um desenho croqui um sistema de alumínio encaxava [ĩ.ka.ʃa.vɛ] ali dentro [...]” – **Informante 12**

Ao observar os resultados descritos na Tabela 2, encontramos uma divergência dos resultados para palavras polissílabas, uma vez que o programa selecionou este grupo de fator como favorecedor da monotongação com a indicação de peso relativo 0.72 (lembrando que pesos relativos mais próximos de 1 favorecem a ocorrência da monotongação). Porém, o que pudemos depreender dos números expostos na Tabela 2 é que no contexto polissílabo temos a manutenção do ditongo configurando 53.8% das ocorrências, enquanto que a monotongação, 46.2%. Por mais que as diferenças sejam mínimas, percebemos que a prevalência é da forma ditongada. Dessa forma, a fim de encontrarmos explicação para este acontecimento, nos deparamos com as ocorrências como as dos exemplos (4) e (6). A partir disso, observamos que o fator extensão da palavra foi influenciado nas análises pelo fator contexto fonológico seguinte, uma vez que as palavras polissílabas presentes em nosso *corpus*, em sua maioria, com exceção apenas de quatro (4) ocorrências com a palavra “maioria”, eram seguidas de fricativas, como, por exemplo, em “apaixonada”, “apaixonou”, “encaixada”, “abaixamos”, etc.

Portanto, podemos verificar que o programa não apontou o contexto polissílaba aleatoriamente, mas sim porque foi influenciado pelo contexto fonológico seguinte que, inicialmente, já havia se mostrado como significativo na realização do fenômeno da monotongação.

Após analisar os resultados dos grupos de fatores linguísticos, passemos agora para análise dos grupos de fatores extralinguísticos.

Em relação ao sexo do informante, observamos que, em relação ao ditongo /aj/, não há uma diferença significativa entre a realização das duas variantes analisadas (monotongação e manutenção de “ai”) e nem entre homens e mulheres. Vejamos a Tabela 3:

Tabela 3 - Resultados do grupo de fator “sexo” para /aj/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Feminino (g)	12 (52.2%)	11 (47.8%)	23 (56.1%)
Masculino (h)	9 (50%)	9 (50%)	18 (43.9%)
TOTAL	21 (51.2%)	20 (48.8%)	41 (100%)

Ao observarmos esses dados, verificamos que, para informantes do sexo feminino, mesmo que o percentual para monotongação seja maior (totalizando 52.2% dos casos, enquanto que para a manutenção do ditongo é 47.8%), não consideramos esses números como favorecedores do uso do fenômeno da monotongação. Com informantes do sexo masculino acontece algo semelhante, os números indicam um percentual de 50% para cada uma das variantes. Portanto, para o grupo de fator “sexo”, verificamos que ele não exerce influência significativa na realização da monotongação.

Em relação ao grupo extralinguístico “faixa etária”, foram verificados os seguintes resultados para cada faixa etária, conforme indicado na Tabela 4:

Tabela 4 - Resultados do grupo de fator “faixa etária” para /aj/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
15 a 29 anos (j)	7 (64.6%)	4 (36.4%)	11 (26.8%)
30 a 49 anos (r)	8 (61.5%)	5 (38.5%)	13 (31.7%)
Acima de 50 anos (i)	6 (35.3%)	11 (64.7%)	17 (41.5%)
TOTAL	21 (51.2)	20 (48.8)	41 (100%)

Essa tabela nos mostra que, analisando os percentuais totais de cada uma das variantes, não temos resultados que indicam uma diferença significativa entre a realização das duas formas, visto que para a monotongação temos 51.2% dos casos e para a manutenção do ditongo, temos 48.8%. Porém, analisando individualmente cada uma das etapas, nos deparamos com resultados interessantes. Para as duas faixas etárias mais “jovens”, as representadas pelas letras (j) e (r), verificamos a predominância da forma monotongada do ditongo /aj/. Por outro lado, no grupo de informantes acima de 50 anos, observamos que a forma predominante é a forma ditongada de /aj/. Portanto, neste caso constatamos que pessoas com faixa etária acima de 50 anos, na realização de /aj/, optam pela forma ditongada, enquanto que as demais faixas etárias fazem uso da monotongação com mais frequência.

Em relação ao fator escolaridade, foi verificado que o fato de o informante ter maior ou menor escolaridade não é determinante na realização do fenômeno da monotongação, uma vez que, observando os dados da Tabela 5, constatamos que os percentuais indicam 51.2% dos casos para monotongação e 48.8% para a manutenção do ditongo.

Tabela 5 - Resultados do grupo de fator “escolaridade” para /aj/

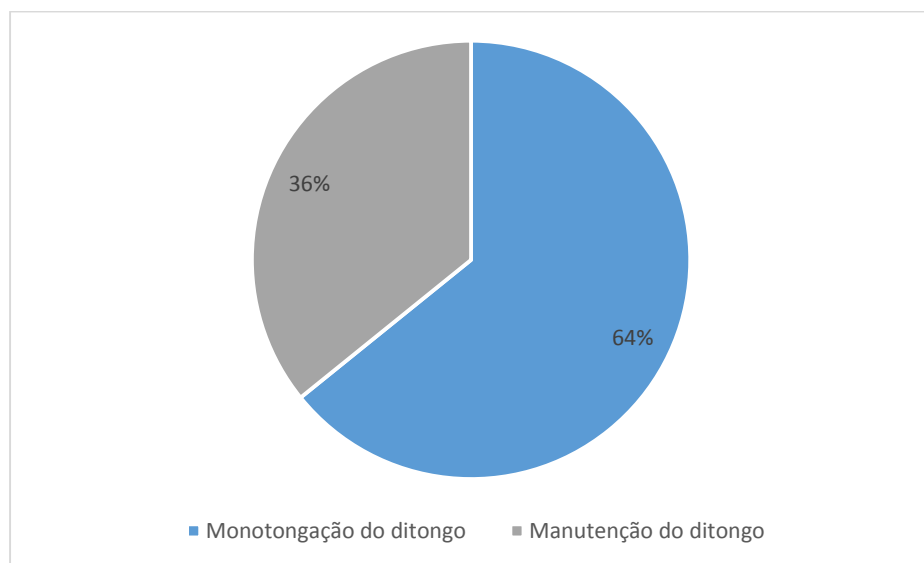
	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Ensino fund. Completo (5)	5 (45.5%)	6 (54.5%)	11 (26.8%)
Ensino médio completo (6)	6 (50%)	6 (50%)	12 (29.3%)
Ensino superior completo (7)	6 (54.5%)	5 (45.5%)	11 (26.8%)
Ensino superior incompleto (8)	4 (57.1%)	3 (42.9%)	7 (17.1%)
TOTAL	21 (51.2%)	20 (48.8%)	41 (100%)

Em síntese, mesmo que, no geral, para o ditongo /aj/, não tenha sido identificada uma diferença significativa entre as formas monotongadas e as que optaram pela manutenção do ditongo, analisamos os grupos de fatores selecionados para este estudo. Concluímos que, para este ditongo, fatores linguísticos (tais como contexto fonológico seguinte, tonicidade e extensão da palavra) são mais influentes na realização do fenômeno, ao passo que os fatores extralinguísticos pouco, ou até mesmo nada, influem sobre a não realização do ditongo.

3.2 Apresentação e análise dos dados relativos ao ditongo /ej/

Ao analisar o *corpus* levantado por esta pesquisa, foram identificadas 779 palavras com o ditongo /ej/ (que representa 65% do total do *corpus*). Desse total, 279 (ou 36%) apresentaram-se com a forma de ditongo e 500 (ou 64%) ocorreram com a forma monotongada. Portanto, diferentemente do que aconteceu com /aj/, aqui temos claramente a preferência pela forma monotongada, como observamos no Gráfico 4:

Gráfico 4 - Frequência da monotongação de /ej/ na fala uberabense



Os resultados aqui apontados são coerentes com o que dizem outras pesquisas já realizadas em relação a esse fenômeno pelo Brasil. No que diz respeito ao ditongo /ej/, há uma preferência pela forma monotongada, na maioria dos casos, e alguns fatores são determinantes para tal ocorrência.

A partir dos resultados obtidos pela análise do programa Goldvarb X, observamos que os fatores mais relevantes para a realização da monotongação de /ej/, para esta pesquisa, são, mais uma vez, contexto fonológico seguinte e tonicidade. Como fatores não selecionados para a supressão da semivogal, o programa apontou, também, para todas as variáveis sociais e para a variável linguística “número de sílabas”. Portanto, mais uma vez comprovamos que fatores sociais não estão diretamente relacionados com o apagamento dos glides nos ditongos orais decrescentes presentes na fala dos moradores de Uberaba.

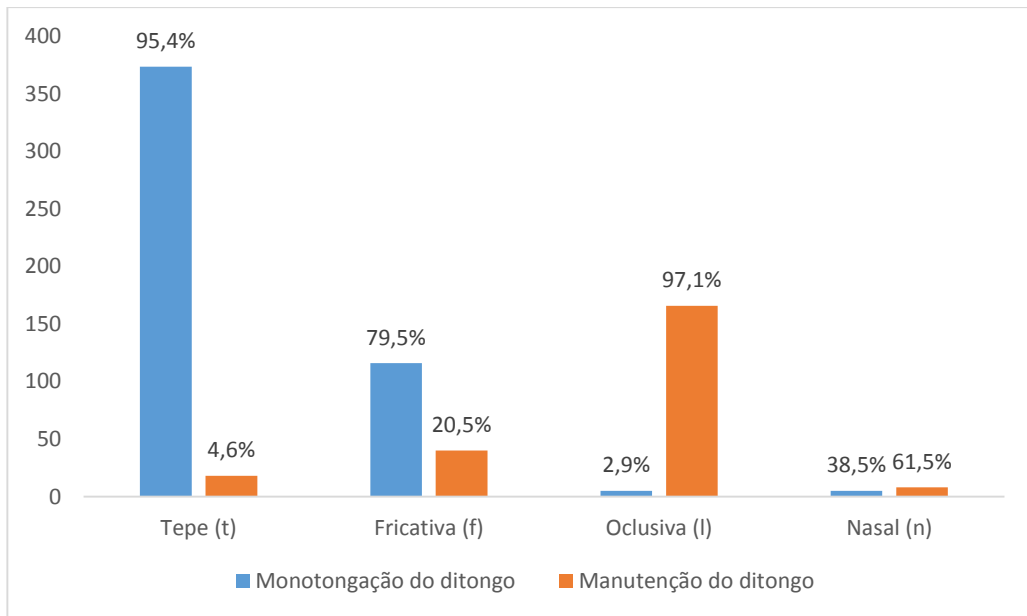
Partindo para a análise dos grupos de fatores, observamos que o contexto fonológico seguinte se faz forte condicionador da monotongação de /ej/.

Ao realizar a primeira rodada de dados no Goldvarb X sobre o ditongo /ej/, tivemos novamente ocorrências de *knockout* na análise dos dados relativos ao contexto fonológico seguinte. Foram encontrados os seguintes contextos: tepe, fricativa, oclusiva, vogal e vazio. Dentre eles, os contextos vogal e vazio apresentaram 100% das ocorrências para a forma de manutenção do ditongo, o que acarretou na indicação de *knockout* e, portanto, na exclusão desses grupos para uma nova rodada. Como explicamos anteriormente, quando são constatadas regras categóricas, faz-se necessário a exclusão desses dados já que não apresentam variação.

Contudo, acreditamos ser interessante a descrição desses contextos que como resultados apresentaram 100% de realização da não monotongação. De acordo com os dados, foram constatadas 40 ocorrências com vogais ocupando a posição subsequente ao ditongo e 7 com contextos vazios, e como já indicado anteriormente todas realizadas com a manutenção do ditongo. Para melhor visualização dessas ocorrências, apresentamos os exemplos (11), (12) e (13):

- (11) “[...] você tem preconceito contra si mesmo porque você se acha feio [’fe̞.ɔ] [...]” – **Informante 18**
- (12) “[...] eu sou meio [’me̞.ɔ] enjoada com casa... [...]” – **Informante 19**
- (13) “[...] eu só sei [’se̞] dessa coisa também [...]” – **Informante 20**

Os exemplos (11) e (12) apresentam vogal no contexto fonológico seguinte e, o (13) apresenta contexto vazio. Apresentamos a seguir o Gráfico 5 com os demais resultados para o grupo “contexto fonológico seguinte”:

Gráfico 5 - Resultados do grupo de fatores “contexto fonológico seguinte” para /ej/

Esse gráfico nos mostra que, dentro dos contextos analisados (tepe, fricativas, oclusivas e nasal), o tepe e as consoantes fricativas palatais (principalmente /ʃ/ e /ʒ/) são as mais condicionantes para o apagamento da semivogal [j]. De um total de 392 ocorrências com o tepe, 374 (ou 95,4%) ocorreram com a forma monotongada de /ej/, e apenas 18 (ou 4,6%) optaram pela manutenção do ditongo. Já os dados relativos às fricativas, constatamos que em um total de 146 ocorrências, 116 (ou 79,5%) delas se deram pela forma reduzida do ditongo e 30 (ou 20,5%) pela forma de manutenção do ditongo.

Esse resultado é comprovado por várias outras pesquisas já realizadas, como as de Aragão (2000), Pereira (2004), Santos e Chaves (2010) e Toledo (2011). Ainda, tais contextos (tepe e fricativas) apresentaram os seguintes valores de peso relativo: 0.85 e 0.67, reafirmando o fato de que estes realmente são os mais significativos quanto à realização da monotongação na fala uberabense. Exemplificamos esse contexto com os trechos abaixo, em que (14) e (15) apresentam ocorrências com tepe e (16) com uma fricativa.

(14) “[...] pra baixo da casa da minha mãe na terceira [te.ʃ.'se.rɐ] casa morava uma irmã dela que tinha quatro menino homens com meu irmão cinco e eu de mulher seis...então as brincadera [brĩ.ka.'de.rɐ] era entre nós [...]” – **Informante 19**

(15) “[...] que é organização social e política brasileira [bra.zi.'le. rɐ]” – **Informante**

(16) “[...] isso me deixa [’de.jɛ] triste por isso que eu estudo muito nessa área [...]” –

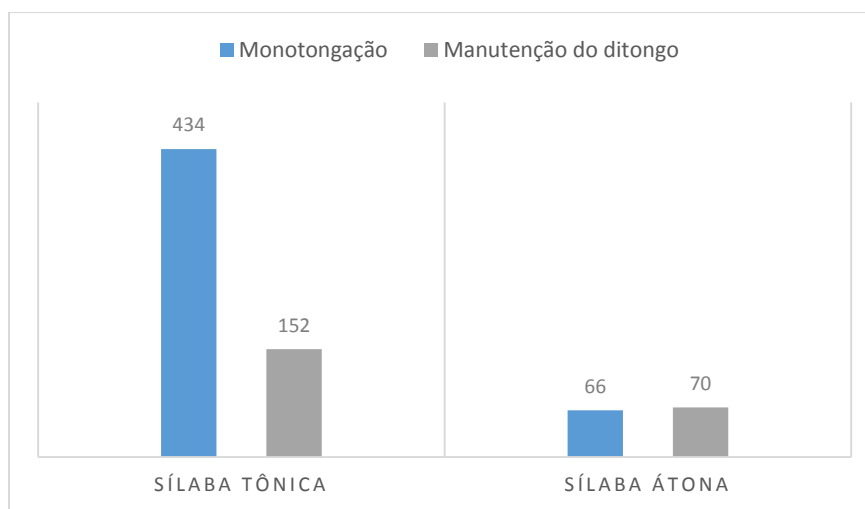
Informante 15

Ainda em relação ao contexto tepe, uma possível explicação, segundo Ribeiro (1990, p. 69), seria dizer que isso ocorre por este segmento possuir “o maior número de traços, essencialmente vocálicos, em comum com as vogais: [+ sonoro] e [+ contínuo]”.

Já em relação ao contexto seguinte “oclusiva”, constatamos que o ditongo /ej/ é conservado quase que de forma categórica. De acordo com os dados, temos que dos 171 dados encontrados com oclusivas ocupando a posição seguinte ao ditongo, 166 ou 97,1% dos casos são realizadas com a manutenção do ditongo, que é o caso de palavras como *leite*, *direito*, *conceito*, etc. Esse resultado é afirmado também pela maioria dos estudos desenvolvidos em outras regiões do país com o mesmo fenômeno. Portanto, é um dado coerente com o que já foi constatado em outras variedades do português brasileiro.

Quanto ao grupo de fator “tonicidade”, mais uma vez verificamos que a sílaba tônica é o fator que mais condiciona o apagamento da semivogal /j/. É o que comprovamos pelo Gráfico 6, que representa a frequência desse grupo no *corpus*:

Gráfico 6 - Resultados do grupo de fator tonicidade para /ej/



Ao observarmos o gráfico, em relação à sílaba átona temos uma diferença mínima entre as duas formas de realização do fenômeno, por isso não é possível dizer que esse resultado favoreça a monotongação. Por outro lado, em relação à sílaba tônica, está bastante evidente que ela favorece a aplicação da monotongação, já que, em um total de 586 ocorrências para o

contexto “tônica”, 432, ou seja, 74,1% das ocorrências são com a forma monotongada, e apenas 152, o equivalente a 25,9%, com a forma não reduzida.

Porém, quando passamos para a observação dos valores indicativos de peso relativo, constatamos um valor neutro para sílaba tônica (0.56) e um valor que indica desfavorecimento para sílaba átona (0.24). Isto é, ao mesmo tempo que os gráficos evidenciam um alto poder de influência do contexto “tônica” na realização do fenômeno, os dados de peso relativos indicam uma neutralização desse fator.

A fim de melhor entender por que isso ocorreu, analisamos o cruzamento de dados entre sílaba tônica e contexto fonológico seguinte. E observamos que palavras cuja sílaba tônica coincidia com a sílaba detentora do ditongo /ej/ são em sua maioria seguidas pelo tepe ou por uma fricativa. Dessa forma, sabendo que o tepe e a fricativa são fatores altamente significativos na realização da monotongação, esta pode ser uma possível explicação para o fator sílaba tônica ser tão influente no contexto aqui analisado. Observamos esses dados na Tabela 6, que apresenta os dados do cruzamento sílaba tônica x contexto fonológico seguinte.

Tabela 6 - Cruzamento de dados: tonicidade x contexto fonológico seguinte

		Tepe	Fricativa	Oclusiva	Nasal	Total
Tônica	m	360 (97%)	69 (86%)	5 (4%)	0 (0%)	434 (74%)
	d	13 (3%)	11 (14%)	128 (96%)	0 (0%)	152 (26%)
Átona	m	14 (74%)	47 (71%)	0 (0%)	5 (38%)	66 (49%)
	d	5 (26%)	19 (29%)	38 (100%)	8 (62%)	70 (51%)
Total	m	374 (95%)	116 (79%)	5 (3%)	5 (38%)	500 (69%)
	d	18 (5%)	30 (21%)	166 (97%)	8 (62%)	222 (31%)

Além disso, podemos observar também que, assim como os cruzamentos tônica x tepe/ tônica x fricativa são altamente significativos para a realização da monotongação, o cruzamento tônica x oclusiva é altamente significativo para a manutenção do ditongo. Já que os dados apontam que 96% dos casos de palavras em que o ditongo coincidia com a sílaba tônica e eram precedidas por oclusivas foram realizados sem a redução do ditongo.

Em relação ao grupo de fator “extensão da palavra”, observamos que no geral o resultado aponta para a prevalência da monotongação: temos 69.3% dos casos para a monotongação e 30.7% para a manutenção do ditongo. Analisando individualmente cada

contexto, percebemos que nos contextos dissílaba e trissílaba esse resultado permanece, isto é, há também nesses contextos a predominância da monotongação. Porém, para polissílabas, com uma diferença mínima, a forma ditongada prevaleceu sob a monotongada. Vejamos a Tabela 7:

Tabela 7 - Resultados do grupo de fator “extensão da palavra” para /ej/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Dissílaba (2)	110 (58.5%)	78 (41.5%)	188 (26%)
Trissílaba (3)	314 (83.5%)	62 (16.5%)	376 (52%)
Polissílaba (4)	76 (48.1%)	82 (51.9%)	158 (21.9%)
TOTAL	500 (69.3)	222 (30.7%)	722 (100%)

Aragão (2000), em estudo realizado na cidade de Fortaleza – CE, verificou que, quanto maior o número de sílabas, maior probabilidade de se realizar a forma monotongada. Contudo, observando os dados apresentados na Tabela 6, não podemos afirmar que no falar Uberabense ocorre o mesmo que no falar da capital cearense. Uma vez que, para o fator “polissílaba”, a diferença entre as duas variantes não é tão significativa, apresentando 48.1% dos casos para monotongação e 51.9% dos casos para a manutenção do ditongo. Neste grupo de fator, o contexto que mais se destacou na realização da monotongação foi o “trissílaba”, com 83.5% dos casos para a forma monotongada e 16.5% para a forma ditongada.

Feita a análise dos grupos de fatores linguísticos, passamos para a análise dos extralinguísticos.

Em relação ao grupo “sexo”, verificamos que tanto para homens quanto para mulheres a preferência é pela forma monotongada do ditongo /ej/. Vejamos a Tabela 8:

Tabela 8 - Resultados do grupo de fator “sexo” para /ej/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Feminino (g)	257 (66.8%)	128 (33.2%)	385 (53.3%)
Masculino (h)	243 (72.1%)	94 (27.9%)	337 (46.7%)
TOTAL	500 (69.3%)	222 (30.7%)	722 (100%)

Observando os percentuais apresentados, podemos constatar que tanto homens quanto mulheres optam pelo uso da forma monotongada. Para as mulheres este dado representa 66.8% dos casos e para os homens, 72.1%. Por esse motivo, consideraremos o fator sexo dos

informantes como nada significativo, uma vez que são constatados resultados semelhantes entre os dois sexos.

Em relação ao grupo “faixa etária”, os resultados também indicam preferência pela forma monotongada em todas as faixas etárias analisadas. É o que podemos verificar na Tabela 9:

Tabela 9 - Resultados do grupo de fator “faixa etária” para /ej/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
15 a 29 anos (j)	156 (69.6%)	68 (30.4%)	224 (31%)
30 a 49 anos (r)	180 (71.7%)	71 (28.3%)	251 (34.8%)
Acima de 50 anos (i)	164 (66.4%)	83 (33.6%)	247 (34.2%)
TOTAL	500 (69.3%)	222 (30.7%)	722 (100%)

A partir dos dados apresentados, fica evidente que não importa a idade do falante, a opção pelo uso da monotongação é geral. Dessa forma, consideraremos também o fator faixa etária como menos significativo, uma vez que o fenômeno da monotongação independe da idade dos informantes para ocorrer.

Em relação à escolaridade, também verificamos que independente da escolaridade da pessoa, a monotongação será a forma mais utilizada pelos uberabenses. Vejamos a Tabela 10:

Tabela 10 - Resultados do grupo de fator “escolaridade” para /ej/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Ensino fund. Completo (5)	108 (72.5%)	41 (27.5%)	149 (20.6%)
Ensino médio completo (6)	106 (63.9%)	60 (36.1%)	166 (23%)
Ensino superior completo (7)	123 (75.5%)	40 (24.5%)	163 (22.6%)
Ensino superior incompleto (8)	163 (66.8%)	81 (33.2%)	244 (33.8%)
TOTAL	500 (69.3%)	222 (30.7%)	722 (100%)

De acordo com os percentuais indicados na tabela acima, a monotongação prevalece nos 4 grupos analisados. Assim, podemos afirmar que independente da escolaridade do informante a preferência será pela forma monotongada de /ej/.

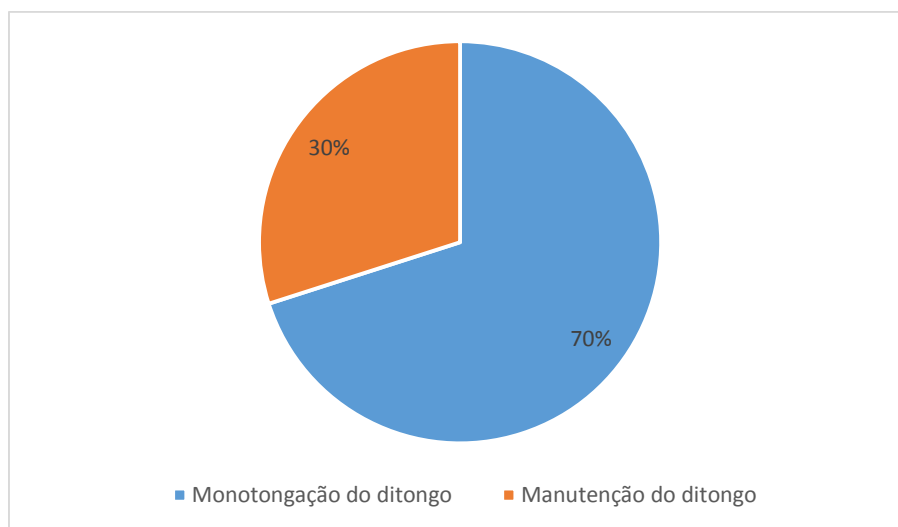
Por fim, na análise de /ej/ os fatores extralinguísticos configuram-se como menos significantes em relação à ocorrência do fenômeno estudado, verificando que fatores sociais

não são condicionantes à monotongação do /ej/, mas sim fatores linguísticos, principalmente, como tonicidade e contexto fonológico seguinte. Para o ditongo /ej/, constatamos, então, que os contextos fonológicos seguintes tepe e fricativa favorecem o uso da monotongação, enquanto o contexto oclusiva desfavorece, mostrando-se significativa para a manutenção do ditongo. E, em relação à tonicidade, ficou bastante evidente que ela favorece a aplicação da monotongação, principalmente quando combinada com o grupo de fatores “contexto fonológico seguinte”.

3.3 Apresentação e análise dos dados relativos ao ditongo /ow/

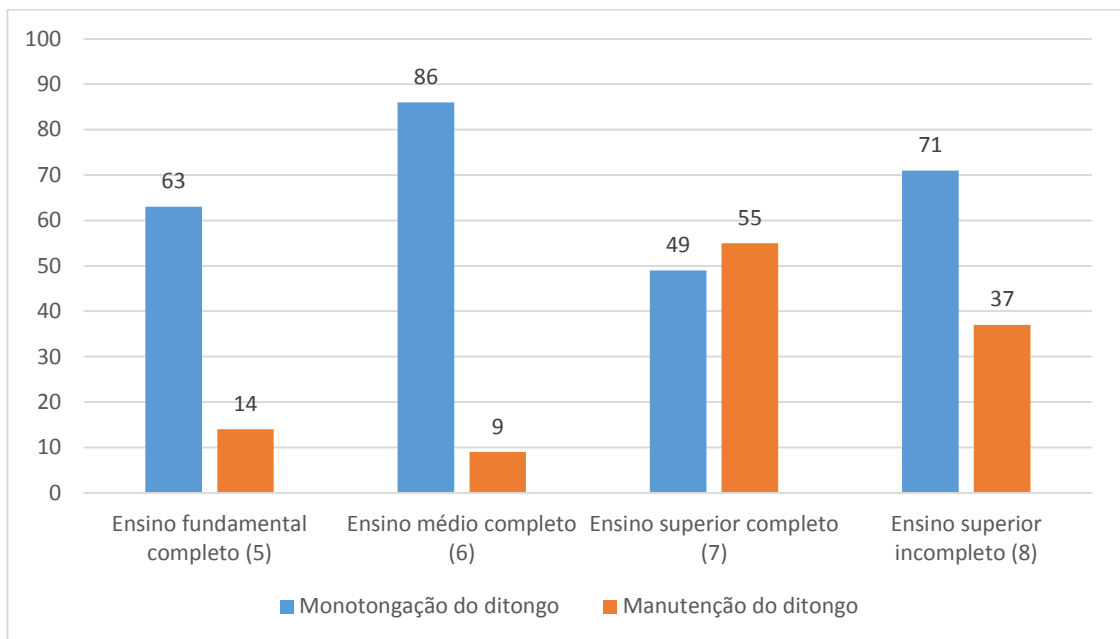
Ao realizarmos a coleta de dados desta pesquisa, encontramos um total de 384 palavras relacionadas ao ditongo /ow/. Desse total, 115 mantiveram a forma ditongada /ow/ e 269 ocorreram na forma monotongada /o/. Mais uma vez, deparamo-nos com um caso em que a forma reduzida do ditongo prevalece na fala dos uberabenses. Abaixo apresentamos o Gráfico 7 para melhor visualizarmos esse resultado.

Gráfico 7 - Frequência da monotongação do /ow/ na fala uberabense



Levando em consideração que a preferência é pela forma monotongada, analisaremos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. O programa Goldvarb X, dessa vez, apontou como mais significativos os grupos escolaridade, contexto fonológico seguinte e extensão da palavra. Pela primeira vez, um fator extralinguístico é indicado como condicionante à monotongação e, como era de se esperar, as pessoas com escolaridade mais baixa são aquelas que mais estão suscetíveis ao apagamento da semivogal /w/.

Vejamos o Gráfico 8:

Gráfico 8 - Resultados do grupo de fator escolaridade para /ow/

Observando o gráfico, percebemos que o percentual de frequência do grupo “ensino superior completo” é o único que a manutenção do ditongo prevalece sobre a monotongação. Mesmo que essa diferença seja muito pequena, é um resultado interessante, pois confirma a hipótese de que pessoas menos escolarizadas são as que mais realizam o apagamento do ditongo.

Quando analisamos os valores de peso relativo, o programa indica os valores 0.77 e 0.64, para os grupos “ensino médio completo” e “ensino fundamental completo” respectivamente, ao passo que, para os grupos 7 e 8 (ensino superior completo e incompleto, respectivamente), os valores indicados são 0.2 e 0.4, na devida ordem. Portanto, verificamos que foram indicados como grupos mais significantes no uso da monotongação os de menor escolaridade, corroborando mais uma vez o consenso de que o falante com menor conhecimento escolar da língua é mais suscetível a variações e mudanças, quando comparado a outro falante que detém maior tempo de estudo formal escolar sobre a língua.

Em relação ao grupo de fator “sexo”, a preferência foi pela forma monotongada, tanto para homens quanto para mulheres. Vejamos a Tabela 11:

Tabela 11 - Resultados do grupo de fator “sexo” para /ow/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Feminino	156 (69.6%)	68 (30.4%)	224 (58.3%)
Masculino	113 (70.6%)	47 (29.4%)	160 (41.7)
TOTAL	269 (70.1%)	115 (29.9%)	384 (100%)

Observando os dados apresentados, mais uma vez constatamos que, independente do sexo, o falante irá optar pela forma reduzida do ditongo. Isso quer dizer que, mais uma vez, o fenômeno da monotongação independe do fator “sexo” para ser realizado.

Em relação ao grupo de fator “faixa etária”, novamente constatamos que em todas as idades os informantes optaram na maioria das vezes pelo uso da monotongação. Vejamos a Tabela 12:

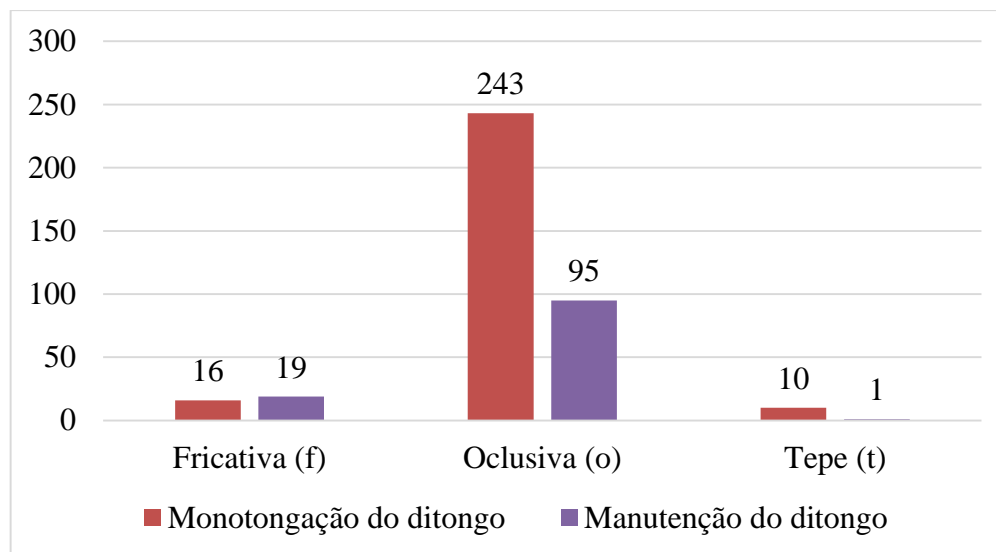
Tabela 12 - Resultados do grupo de fator “faixa etária” para /ow/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
15 a 29 anos	71 (63.4%)	41 (36.6%)	112 (29.2%)
30 a 49 anos	95 (72%)	37 (28%)	132 (34.4%)
Acima de 50 anos	103 (73.6%)	37 (26.4%)	140 (36.5%)
TOTAL	269 (70.1%)	115 (29.9%)	384 (100%)

Ao verificarmos os percentuais obtidos por meio da análise dos dados, podemos afirmar que a opção pela forma monotongada do ditongo independe da idade do informante, já que em todas as faixas etárias a preferência foi pela redução do ditongo a uma vogal simples.

Feita a análise dos grupos de fatores extralinguísticos, passamos a análise dos grupos de fatores linguísticos.

Quanto aos fatores linguísticos selecionados, mais uma vez o fator contexto fonológico seguinte configurou-se como mais significativo, como ilustrado nos resultados do Gráfico 9:

Gráfico 9 - Resultados do grupo de fator contexto fonológico seguinte para [ow]

Ao observarmos esse gráfico, percebemos que a monotongação prevalece nos casos de oclusivas e tepe subsequentes ao ditongo. Para as oclusivas, num total de 338 ocorrências, 243 delas, equivalentes a 71,9% dos casos, referem-se à forma monotongada, enquanto que apenas 95 ocorrências, equivalentes a 28,1% dos casos, mantiveram a forma ditongada. Quanto ao tepe, os dados nos mostram que 90,9% dos casos optaram pela forma reduzida, enquanto que 9,1% utilizaram a forma ditongada.

Talvez, por ter apresentado um maior número de ocorrências, o contexto oclusiva seja o fator mais significativo para a realização da monotongação. Os exemplos (17), (18) e (19) exemplificam casos em que, diante de oclusivas, os falantes optaram pela monotongação.

- (17) “[...] a gente vai lá é tão vazio o oto **[’o.tu]** é tão lotado [...]” – **Informante 18**
- (18) “[...] eu num penso que elas tem muito um querer um des/ um sonho são pocas **[’po.kɐs]** que eu vejo que expressa isso [...]” – **Informante 5**
- (19) “[...] ah usar essa palavra é até errado [...] o tanto que o meu clamor foi ovido **[o.’vi.do]** porque assim as vezes eu tava com problema no dia [...]” – **Informante 17**

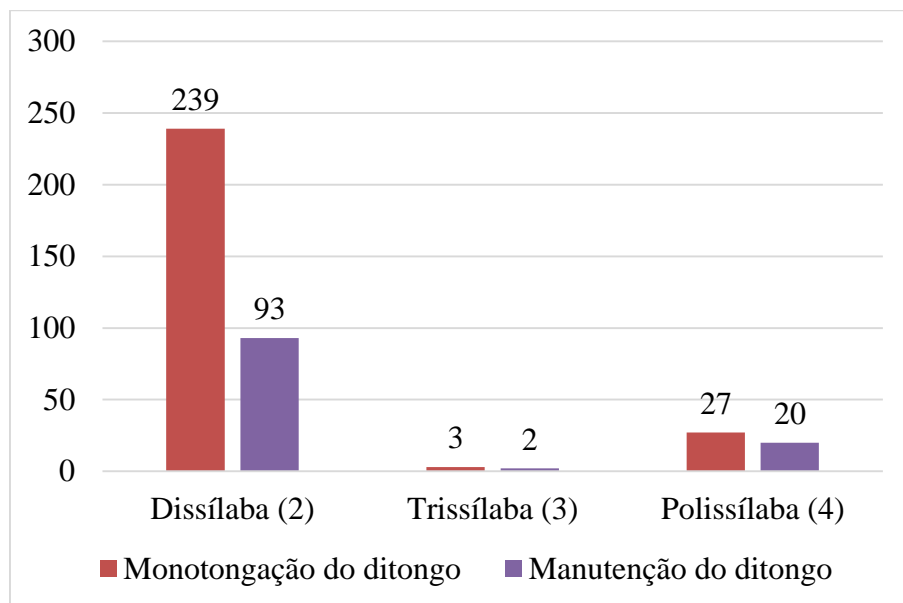
Contudo, considerando a análise dos pesos relativos, verificamos que o programa identificou, como o fator mais significativo, o tepe (0.86) e, para as oclusivas, ele apresentou o valor de 0.51, que o configura como um fator neutro, que não favorece e nem desfavorece a realização do fenômeno. Dessa forma, nesse caso, a análise univariada não apresenta a mesma

resposta que a análise multivariada. Guy e Zilles (2007, p. 106) argumentam que isso ocorre porque o método univariado não controla as variáveis de modo que uma possa interferir na outra, ou seja, não há um controle simultâneo de todos os contextos e variáveis independentes, o que pode distorcer ou inverter o efeito real de uma variável.

Portanto, concebendo a análise multivariada como a que mais se aproxima da realidade, constatamos que o ditongo /ow/ seguido de um tepe é mais significativo na realização do apagamento da semivogal, o que demonstra que a fala do uberabense se encontra, novamente, em consonância com outras variedades do português, que também indicam o tepe como fator propiciador da monotongação.

Quanto à variável linguística “número de sílabas”, observamos, pelo Gráfico 10, que o contexto “dissílaba” é o contexto em que encontramos o maior número de ocorrências, portanto o mais significativo no que diz respeito ao favorecimento da monotongação do ditongo /ow/, apesar de a monotongação prevalecer nos três contextos:

Gráfico 10 - Resultados do grupo de fator extensão da palavra para /ow/



No entanto, quando partimos para a análise dos pesos relativos desse grupo, observamos que nenhum dos fatores desse grupo é indicado como o mais significativo, já que o contexto “dissílaba”, que até então havia se destacado, tem peso 0.53, configurando-se como um peso neutro. Os outros dois grupos (3 e 4), têm pesos 0.29 e 0.38, respectivamente, o que indica desfavorecimento à realização da monotongação.

Tal resultado se mostra inovador, visto que pesquisas, como a de Aragão (2000), afirmam que, quanto maior o número de sílabas maior a probabilidade da monotongação ocorrer.

Quanto ao fator tonicidade, verificamos que nas ocorrências de /ow/ o fator sílaba tônica foi o que se mostrou mais condicionante na realização da monotongação, apesar de, nos dois casos (tônica e átona), os percentuais terem indicado predominância da monotongação, conforme ilustrado na Tabela 13:

Tabela 13 - Resultados do grupo de fator “tonicidade” para /ow/

	Monotongação do ditongo	Manutenção do ditongo	TOTAL
Tônica (n)	229 (72.7%)	86 (27.3%)	315 (82%)
Átona (p)	40 (58%)	29 (42%)	69 (18%)
TOTAL	269 (70.1%)	115 (29.9%)	384 (100%)

Observando os dados dessa tabela, constatamos que, no geral, temos 70.1% dos casos apontando para a monotongação do ditongo. Porém, a maior parte dos casos estão concentrados no fator “tônica”. Novamente, acreditávamos que a supressão, nas sílabas tônicas, seria menos favorecida por esta ser a parte da palavra que mais “exige” esforço expiratório do falante, e por isso a realização da semivogal seria o mais comum. Contudo, o que verificamos foi o contrário, reafirmando o fato de que a realização do fenômeno da monotongação na fala do Uberabense apresenta peculiaridades, fatos que se diferenciam de outros estudos com o mesmo fenômeno mas em outras regiões.

Resumindo, verificamos que em relação à análise do ditongo /ow/, novamente, a forma monotongada é preferencial. Os grupos de fatores que influem diretamente nesse resultado são contexto fonológico seguinte e extensão da palavra. Quanto ao contexto fonológico, destacaram-se realizações com tepe e oclusivas e, quanto à extensão da palavra, constatamos um resultado inovador, uma vez que contraria a ideia de que quanto maior a palavra, maior chance de ocorrer a monotongação. Para esta pesquisa, o contexto mais relevante quanto ao número de sílabas foi o contexto “dissílaba”. Além disso, pela primeira vez neste estudo um fator extralinguístico revelou-se favorecedor da realização do fenômeno: foi verificado que quanto menor a escolaridade mais suscetível à monotongação fica o falante.

Considerações finais

Com o objetivo de estudar a realização do fenômeno da monotongação dos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/, na fala do morador de Uberaba – MG, foi que desenvolvemos esta dissertação, que nos mostrou, a partir da análise dos resultados obtidos por meio do programa estatístico Goldvarb X, que o fenômeno de redução do ditongo a uma vogal simples é norteado por grupos de fatores, principalmente, de natureza linguística.

Primeiramente, realizamos um levantamento teórico dos conceitos que foram utilizados para embasar nossas análises. Começamos por apresentar questões relacionadas à Teoria Sociolinguística, esclarecendo como ocorreu o surgimento dessa nova vertente linguística e, principalmente, explicitando que seu objeto de estudo centra-se na língua real em uso. Ao estudar a língua em situação real de comunicação, esse ramo da linguística afirma que é impossível que se estude a língua sem que se considerem as relações existentes entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Portanto, a Sociolinguística se dedica aos estudos sobre a relação da linguagem com a sociedade.

Logo em seguida, discutimos alguns conceitos pertencentes à Fonética e à Fonologia, uma vez que o fenômeno estudado está diretamente relacionado a essas áreas por se tratar de um trabalho relacionado a um fenômeno fonológico que envolve vogais. Portanto, uma descrição mais detalhada sobre o que é vogal, ditongo e monotongo se fez necessária para este trabalho. Dando sequência a essa apresentação de conceitos, discutimos, brevemente, questões ligadas a processos fonológicos, envolvendo o objeto de estudo desta pesquisa, a monotongação, e, por fim, apresentamos um panorama de algumas pesquisas já realizadas no Brasil referentes ao mesmo fenômeno, a fim de, a partir delas, identificar resultados semelhantes no português mineiro de Uberaba – MG.

Após a apresentação das bases teóricas desta dissertação, na seção 2, apresentamos os procedimentos metodológicos. Por se tratar de uma pesquisa sociolinguística, seguimos os passos do modelo teórico da sociolinguística quantitativa. Por isso, para a constituição do *corpus*, foram entrevistados 24 informantes da cidade de Uberaba – MG. Após a realização das entrevistas, fizemos as transcrições ortográficas dos áudios e coletamos as ocorrências em que a monotongação ou não dos ditongos em análise apareceram, desses dados coletados fizemos também a transcrição fonética.

Após a coleta de dados, foram feitas as codificações dos dados para que pudessem ser submetidos à análise estatística do programa Goldvarb X. Por fim, com os dados em mãos, realizamos sua descrição e a análise.

Na terceira seção desta dissertação, apresentamos a análise e a descrição dos resultados. A partir deste estudo, foram constatadas 1204 ocorrências de ditongos orais decrescentes, das quais apenas 41 (3%) foram de palavras formadas com o ditongo /aj/, 779 (65%) com o ditongo /ej/ e 384 (32%) palavras com /ow/. As análises de cada um dos ditongos foram realizadas separadamente e vão ser descritas a seguir.

Em relação à realização do ditongo /aj/, não foi identificada uma diferença significativa entre as formas monotongadas e as que optaram pela manutenção do ditongo. Contudo, para este ditongo, foi possível verificar que fatores linguísticos (tais como contexto fonológico seguinte, tonicidade e extensão da palavra) são mais influentes na aplicação da regra variável, ao passo que os fatores extralinguísticos (tais como idade, escolaridade e sexo) não exercem influência significativa sobre a não realização do ditongo.

Quanto à análise do ditongo /ej/, novamente foram indicados como menos significantes os fatores extralinguísticos, verificando que fatores sociais não são condicionantes à monotongação do /ej/. Por outro lado, observamos que fatores linguísticos como tonicidade e contexto fonológico seguinte são altamente favorecedores ao uso da monotongação. Para o ditongo /ej/, constatamos, então, que os contextos fonológicos seguintes constituídos por tepe ou fricativa favorecem o uso da regra variável, enquanto o contexto constituído por oclusiva desfavorece a ocorrência desse fenômeno, mostrando-se significativo para a manutenção do ditongo. Já em relação à tonicidade, observamos que ela favorece a aplicação da monotongação, principalmente quando combinada com o grupo de fatores “contexto fonológico seguinte”.

Na análise de /ow/, os grupos de fatores que influem diretamente nesse resultado são contexto fonológico seguinte e extensão da palavra. Com as análises, verificamos que, em relação ao contexto fonológico, destacaram-se realizações com tepe ou oclusivas e, quanto à extensão da palavra, o contexto mais relevante foi o de palavra “dissílaba”. Sendo assim, constatamos um resultado inovador, uma vez que contraria a ideia já afirmada por outras pesquisas de que, quanto maior a palavra, maior chance de ocorrer a monotongação. Além disso, em relação à monotongação do ditongo /ow/, pela primeira vez, neste estudo, um fator extralinguístico foi indicado como significativo, uma vez que constatamos, na análise de /ow/, que, quanto menor a escolaridade, mais suscetível à monotongação fica o falante. Portanto o fator “escolaridade” é considerado relevante no apagamento da semivogal de /ow/.

Por fim, observando de maneira geral os dados, verificamos que, na fala do uberabense, há a preferência pela forma monotongada dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/. Sendo assim, podemos afirmar que nosso estudo confirma o que outros pesquisadores já verificaram ao estudarem outras variedades do português brasileiro.

Pudemos constatar, por meio da pesquisa que embasa esta dissertação, que tal preferência é condicionada, principalmente, por fatores linguísticos, tais como o contexto fonológico seguinte, a extensão da palavra e a tonicidade. Em relação aos fatores considerados extralinguísticos, como sexo, idade, escolaridade, no que diz respeito ao fenômeno da monotongação, eles pouco influem, ou até mesmo nada influem sobre sua realização, sendo que, como dissemos anteriormente, o fator “menor escolaridade” influencia a monotongação do ditongo /ow/ somente.

Sabendo que, na região do Triângulo Mineiro, Uberaba – MG ainda é uma cidade pouco explorada no que diz respeito às pesquisas linguísticas, acreditamos que, com o nosso trabalho, contribuímos positivamente com a descrição do fenômeno da monotongação na variedade linguística do português falado pelos uberabenses.

Referências

- ARAGÃO, M. do S. S. Ditongação e Monotongação no Falar de Fortaleza. **Graphos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 109-122, 2000.
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 121-140.
- BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. **Uso do Goldvarb X na quantificação/ análise dos dados variáveis**. In: WORKSHOP FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS PARA ANÁLISES LINGUÍSTICAS. Araraquara: UNESP, 2017.
- BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia no português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRGS, 2001.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-83.
- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. 43. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].
- CASANOVA, M. Z. de. **Origens e trajetória histórica de Uberaba**. Uberaba: s/d. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,328>>. Acesso em: 4 out. 2016.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.
- COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística).
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-124.
- COSTA, D. S. da. **Estudo do acento lexical no português arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria**. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.
- CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar Florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 1, p. 205-229, 2011.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, D. da. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM COMUNICACIÓN SOCIAL, 10., 2007, Santiago de Cuba. **Acta...** Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, 2007. p. 127-131.

_____. **Sociolinguística**. S/d. p. 73-79.

HORA, D. da; RIBEIRO, S. R. Monotongação de ditongos orais decrescente: fala versus grafia. In: GORSKY, E. C.; COELHO, I. **Sociolinguística e ensino**: contribuições para o professor de língua. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006. p. 209-226.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores**: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas. 2005. 365 f. Tese (Livre Docência em Fonologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2005.

PAIVA, M. da C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SHERRE, M. M. D. (Org.). **Padrões Sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 217-236.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão – SC**: estudo de casos. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

PHOTOBUCKET. **Galeria**. Disponível em: <<https://goo.gl/4mXjz7>>. Acesso em 17 jul. 2017.

RAMOS, J. **A construção de um dialeto**: o “mineirês” belo-horizontino. FAPEMIG, 2007.

RIBEIRO, D. A. S. de B. **O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná**. 1990. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990.

SANTOS, F. L. da C.; CHAVES, L. M. O processo da monotongação nos falares de Plácido de Castro – AC. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 46, p. 100-116, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SEARA, I. C. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro**: 2º período. Florianópolis: LLV/CCW/UFSC, 2011.

SILVA, F. de S. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, D. da. **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALB, 2004. p. 29-44.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. Colaboradoras Daniela Oliveira Guimarães, Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Contexto, 2011.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.

TOLEDO, E. E. **A monotongação do ditongo decrescente /ej/ em amostra de recontato de Porto Alegre**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VIEGAS, M. C. **O Alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. 281 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for historical linguistics: a symposium**. Austin: University of Texas Press, 2006 [1968]. p. 95-199.

WIKIPEDIA. **Triângulo Mineiro**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tri%C3%A2ngulo_Mineiro#Geografia>. Acesso em: 17 jul. 2017.

Anexos

Anexo I

Neste anexo, apresentamos o roteiro de entrevista utilizado nas gravações de entrevistas com os moradores da cidade de Uberaba – MG.

Questionário: Roteiro de entrevista¹⁶

Infância

1. Na escola, que matéria lhe agradava (ou agrada?). Por quê? 2. Você é a favor de castigos? Por quê? 3. Você seria capaz de lembrar o dia mais feliz de sua infância? Conte como foi. E o mais triste? 4. O que você sente ao falar daqueles tempos? Gostaria que voltassem? Acha que eram melhores que hoje? Por quê? 5. Quais brincadeiras você fazia com seus amigos? 6. O que você acredita que as crianças de hoje querem/pensam?

Atividades profissionais

1. Você trabalha? (Onde? Com quê? Gosta do que faz? Já trabalhou em uma profissão diferente? Por que mudou? Com que idade você começou a trabalhar? Por quê?) 2. Gostaria de trocar de profissão? Em que profissão você gostaria de trabalhar? Por quê? 3.

Você acha que as pessoas devem começar a trabalhar cedo? Por quê?

Lazer e concepções de vida

1. Costuma ver televisão? Quais programas você prefere? Que programas você não gosta? Por quê? 2. Você se considera preconceituoso (a)? Acha que existe muito preconceito entre as pessoas? Qual é sua opinião sobre o assunto? 3. Prefere ficar em casa ou sair com amigos, família, etc.?

Comidas e gostos

1. Qual a sua comida preferida? Por quê? 2. Qual a comida típica mineira você recomendaria para alguém? Por quê? 3. Qual a comida típica mineira você não recomendaria para alguém? Por quê? 4. Fale sobre as coisas que você gosta e não gosta em Uberaba. Quais os pontos turísticos de Uberaba você costuma ir?

Aspirações

1. Se você ganhasse sozinho na loteria, o que você faria com o dinheiro? 2. Você acha que o dinheiro traz felicidade? Quais sonhos você tem? 3. O que espera que aconteça em Uberaba, que possa melhorar a cidade (política, policiamento, indústrias, etc.)?

Perigo de vida

1. Você já esteve em alguma situação em que pensou que ia morrer? Como foi? 2. Você já presenciou algum acidente sério? Como foi?

¹⁶ As questões acima foram inspiradas no roteiro de entrevista elaborado por Viegas (2001). Poderão ser realizadas as alterações e adaptações necessárias no contexto dessa pesquisa.

Religião

1. Qual é a importância da religião na sua vida? Sua família é religiosa? 2. Você acredita em milagres? Conhece caso de algum? 3. Você acredita em vida após a morte? Em sua opinião, qual é o nosso destino depois que morremos?

Sobrenatural

1. Em alguma ocasião você já sentiu a presença do sobrenatural? Como foi? 2. Já aconteceu de alguma vez você (ou pessoa que você conhece) dizer ou sonhar com algo e depois isso vir a acontecer realmente? Como foi? 3. Você acha possível alguém prever o futuro? 4. Conhece alguém que passou por isso?

Outros:

1. Você prefere trabalhar em grupo ou individualmente? Por quê? 2. Para você quais as influências que os meios de comunicação exercem sobre as pessoas?

Anexo II

A seguir, apresentamos o modelo do termo de consentimento livre e esclarecido, o qual será assinado por todos os informantes a fim de cumprir com as exigências do Comitê de Ética que aprovou a realização deste trabalho.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa de mestrado intitulada “Estudo da monotongação de ditongos orais decrescentes na fala Uberabense”, orientada pelo professor Dr. Daniel Soares da Costa do programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista- UNESP- Campus de Araraquara.

2. O principal objetivo deste projeto é identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que propiciam, ou não, a ocorrência da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala Uberabense. Sabemos que a língua portuguesa, como qualquer outra língua, sofreu e sofre variação a medida que é utilizada por seus falantes. Dessa forma, acredita-se que realizar um estudo que investigue os traços linguísticos típicos da fala uberabense é relevante, pois, além de contribuir para o levantamento de informações sobre o Português Mineiro, também possibilitará a reunião de peculiaridades da fala da comunidade de Uberaba.

a. Você foi selecionado por ter nascido na cidade de Uberaba ou por ter se mudado para ela até os cinco anos de idade; por não ter se ausentado dessa cidade por mais de dois anos; e por morar na região urbana da cidade ou por ter saído da zona rural com até cinco anos de idade e sua participação não é obrigatória.

b. Os objetivos deste estudo são observar e analisar quais os contextos linguísticos e extralinguísticos propiciam ou não a ocorrência da monotongação na fala do Uberabense.

c. Sua participação nesta pesquisa consistirá em fazer parte da gravação de uma entrevista (em áudio) seguindo um roteiro previamente selecionado.

3. Considerando que nossa pesquisa envolve gravação de entrevistas em áudio, o participante pode se sentir constrangido ao fornecer as respostas para a pesquisadora. Porém, para amenizar esses riscos e constrangimentos, poderemos interromper a gravação, se necessário, prestando a devida assistência ao participante.

4. Garantimos que a pesquisadora prestará os devidos esclarecimentos durante a realização da pesquisa, a respeito dos procedimentos envolvidos. Assim como garantimos a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

5. Como participante da pesquisa, você não terá gasto ou despesa, no entanto, caso isso ocorra e seja decorrente de sua participação, faremos o ressarcimento das despesas.

6. Como forma de acompanhamento e assistência aos participantes da pesquisa, informamos que ficaremos à disposição dos mesmos durante e após o término das gravações para atender quaisquer solicitações.

7. Os dados obtidos serão divulgados de forma anônima resguardando a identidade dos participantes e estarão à disposição dos participantes, caso queiram ter acesso às suas informações. Os dados coletados ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de 3 anos, após essa data, eles serão devidamente descartados.

8. Como participante, você terá a liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

- a. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
- b. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
9. Garantimos que manteremos o sigilo que assegure sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.
- a. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
- b. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, pois serão criados códigos de identificação, protegendo e assegurando sua privacidade.
10. Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Bruna Faria Campos de Freitas¹⁷
E-mail: brunafcf1@hotmail.com
Endereço Institucional – Departamento de Linguística
Rodovia Araraquara – Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP 14800-901
Araraquara –SP

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara-UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

Local e data:

Assinatura do sujeito da pesquisa ¹⁸

¹⁷ O pesquisador deverá rubricar todas as folhas do TCLE, apondo sua assinatura na última página do Termo.

¹⁸ O sujeito da pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do TCLE, apondo sua assinatura na última página do Termo.